ANNO XXXIII
NUMERO 39
1 - 3 - 1934
Preço 1$200
O Vampiro do Casino Atlantico
POR
LEÃO PADILHA
(CONTO NO TEXTO)
O Malho
Monteiro Filho

EM Wollersdorf, no Hannover (Allemanha), ainda subsiste uma velha tradição. Ao construir-se uma casa, aquelle que possuir pequenas economias é obrigado a enviar dois homens para ajudar a erigir o arcabouço de madeira e a pôr as primeiras vigas de supporte. Além disso, deve fornecer certa quantidade de telha ou zinco, ou dinheiro para os comprar. O dono do novo edificio tem de hospedar, no dia de sua inauguração, as pessoas do logarejo, e de dar-lhes uma festa. A ninguem é facultado o direito de afastar-se, e os transgressores são punidos de um modo grotesco: conduzidos a um estrado onde funcciona uma guilhotina... de papelão.

O MALHO

ANNO XXXIII Propriedade da S. A. O MALHO NUMERO 39

Director: Antonio A. de Souza e Silva

Numero avulso em todo o Brasil 1$200 Assignaturas: Annual-----60$000 Semestral-30$000

Redacção e administração TRAVESSA DO OUVIDOR, 34

Telephones: 3-4422 2-8073 - Caixa Postal, 880—RIO DE JANEIRO

O PROXIMO NUMERO D'O MALHO

ENTRE outros assumptos da proxima edição, destacamos:

Typos e curiosidades do Rio no tempo antigo
Por Heitor Lira

Do passado ao futuro
Por Berilo Neves

Má sina
De Lucilo Varejão

Acreditem ou não...
Por Storni

Gente de circo
Por Leão Padilha

Tragedia ignorada
De Antonio Carlos Callado

SECÇÕES DO COSTUME

Senhora, supplemento feminino — De Cinema — Carta enigmatica e charadas — Horticultura e Floricultura — O Mundo em Revista — Broadcasting — etc., etc.

AFFECÇÕES DO COURO CABELLUDO

Entre as affecções da pelle, é das mais impertinentes e incommodativas a que attinge ao couro cabelludo. Os estragos que ella produz, só podem ser apreciados através de possante lente, e, lamentavelmente, as applicações externas não logram combatel-os com efficiencia. E', pois, mais um precioso concurso o que nos traz o W-5, eliminando esse mal, deixando a cabeça e os cabellos libertos dessa desagradavel ferida. Dotado do sôro dermico, de acção cicatrizante e eliminadora e dos hormonios sexuaes que exercem directa influencia sobre a vitalidade da pelle, esse moderno medicamento allemão tem dado optimos resultados no combate de todas as affecções cutaneas. Forçoso é ainda considerar o W-5 como um bemfeitor da saude em geral, porque se elle solidifica e alisa a superficie epidermica de todo o corpo, desfazendo os sulcos e as pigmentações, e tornando emfim, a pelle toda boa, evidentemente nos dá uma prova do seu grande poder que é o de manter equilibradas todas as funcções organicas. Um tratamento regular por essa nova medicina deve, pois, ser feito por todas as senhoras zelosas de sua saude.

Dictadura Sexual

Do mesmo modo que a defesa de um povo repousa na harmonia de vista existente entre as suas forças armadas, as quaes devem uniformemente attender às ordens do supremo governante, tambem a vida do nosso corpo, para ser bem equilibrada e duradoura, está na immediata dependencia do bom e harmonico funccionamento das glandulas de secreção interna que, evidentemente, commandam a distribuição de energia nos varios sectores do nosso organismo. Quando se verifica em qualquer dessas glandulas uma perturbação ou insufficiencia, póde-se, à priori, affirmar que a vida do corpo acha-se affectada e tanto maior será o damno que soffre quanto mais importante fôr a glandula prejudicada.

Como, no caso da estabilidade de uma nação, é sabido que, se se tratar apenas de ligeira insubordinação num quartel, é possivel o governo suffocal-a incontinente, ao passo que, se ao invés, surgir um estado de desobediencia ou sublevação numa importante unidade do exercito, é mais difficil o trabalho de restaurar a disciplina, podendo, não raro, sobrevir o estado de revolução, — tambem no nosso organismo, os grandes disturbios glandulares pódem ter consequencias fataes, possiveis de levar-nos até á morte!

Segundo observações logistas, as glandulas que imprimem a personalidade e a energia moral no individuo, as que são consideradas supremas orientadoras da defesa de todo o nosso organismo, são as glandulas endocrinicas, entre as quaes sobresahem as glandulas sexuaes, que vivem em estreita afinidade com as hypophyses e suprarenaes. São essas glandulas que a natureza erigiu em força capaz de estabelecer no individuo e estado de "dictadura sexual" absolutamente indispensavel á vida, porque, como muito bem affirma o dr. Victor Pouchet, essa "dictadura" representa a **vitalidade, o caracter, o temperamento e até a garantia da longevidade.**

Por taes principios o homem e a mulher, para sahirem vencedores nesse prélio da luta pela vida, carecem de ter bem equilibradas as funcções de suas glandulas endocrinicas; aliás, quando estes pequenos orgãos **não andam bem**, um grito de alarme se faz echoar; é a neurasthenia com todas as suas depressões moraes que começa a lhe **estragar a vida!** Mas, para os que soffrem essas perturbações, ha, hoje, felizmente, um meio facil de corrigil-as: é pelo uso das **PEROLAS TITUS**, nas quaes se contém os hormonios, em estado vital daquellas glandulas. Isto significa dar á natureza o que lhe falta.

Segundo observações clinicas póde-se affirmar que, quem fizer o tratamento pelos hormonios que se encontram naquelle preparado allemão — seja um esgotado, neurasthenico ou super-excitado — conquistará para o seu organismo, com absoluta segurança, o necessario estado de "dictadura sexual"

Quem não conhecer ainda os preciosos recursos therapeutico de W. 5 e Perolas Titus peça hoje mesmo a abundante literatura que a seu respeito distribue, gratuitamente, o **Departamento de Productos Scientificos, á Avenida Rio Branco n.° 173-2.°, nesta capital, e, á rua São Bento, 40-2.°, em São Paulo.**

CAIXA D'O MALHO

RODRIGUES CRESPO (Varginha) — A sua carta surgiu-me muito mais saborosa do que o seu soneto. O que V. diz sobre os poetas modernos e os velhos lyricos é verdade em parte. Estes só apparecem mais do que aquelles, porque, infelizmente, o modernismo revelou poucos poetas no Brasil. Modernismo, entre nós, foi, a principio, synonymo de indisciplina.

Agora, é que está começando a apparecer a verdadeira geração de poetas identificados com o verdadeiro sentido que esse movimento deveria ter, em nossa terra. A geração de prosadores amadureceu muito mais depressa. E por isso é facil de ver os novos romancistas e ensaistas jogando terra nos olhos dos velhos. Diabo! Ia-me olvidando de que não tenho espaço para estas conversas. E já ia esquecendo-me de dizer-lhe que o soneto sahirá.

SULNOR (Itabaianinha) — Acho que o genero lhe convem. Precisa, entretanto, escolher themas menos banaes e fortalecer um pouco mais o estylo. Não confundir delicadeza com anemia...

J. CRUZ (Aracajú) — Bella copia a machina! A poesia não está em condições de ser publicada.

ANTONIO MONTANO (Jequié) — O seu "Elogio ás Ondas" está parecendo mais um brinde de orador popular, do que uma poesia. Quando tiver de escrever outra, não esqueça que os pronomes pessoaes tambem têm numero. Assim — "Ondas! eu te admiro! — não se escreve. O pronome que se refere a ondas deve ser vos.

GERCY DE VITA (Cajuru) Seu Gercy, você me apparece bem pesadozinho, com uns termos difficeis e um gosto pela declamação emphatica, que chega a irritar os nervos da gente. Receito-lhe: um calmante, banhos de simplicidade duas vezes por dia, repouso e um anno de boas leituras. Em seguida, póde recomeçar a escrever.

GAUCHO VELHO (Porto Alegre) — A amostra está bem. Mande de lá uma producção de verdade, para ver se é da mesma qualidade.

SEVERINHO UCHÔA (Alagôa Grande) — Você não foi mais feliz no soneto. Nelle encontro alguns versos de pé quebrado e coisas como estas: "E não houve remedios que a salvasse"... "E quem amortalhada lhe fitasse". Por mais vontade que eu tenha de satisfazel-o, diante disso...

IVO TALMA (S. Paulo) Embora eu implique com o estylo arrevesado e precioso, não posso deixar de reconhecer que o seu soneto está bem imaginado. Tenho, sómente, uma restricção a fazer e creio que você concordará commigo: as rimas agudas dos tercetos, sem correspondencia nos quartetos... Eu sei que isso é um senão a que muitos poetas não emprestam a menor importancia, principalmente agora, que as liberdades poeticas são cada vez maiores. Mas você, que é meticuloso e limpo, no seu trabalho intellectual, ha de fazer questão de aperfeiçoar a sua obra.

JULIO LOPES DE ASSIS (Villa Piracicaba) — Isso é mais um problema de consciencia do que de letras. Acho que, com a inclusão de novos trabalhos, os leitores que não puderam comprar a primeira, só têm a lucrar, adquirindo a segunda edição. Entretanto, nos livros que tenho visto assim editados (e são raros) o autor explica, até mesmo na capa, em letras miudas, entre parenthesis, que ali se incluiram taes e taes producções. Quanto á segunda pergunta: embora banalizada á força de uso, a expressão quer dizer que a edição presente está escoimada de defeitos da pri-

meira e aperfeiçoada na sua confecção ou no seu texto. Quando se diz "augmentada", é que foi incluido algo novo.

J. L. C. N. (Barretos) — Chegou a tempo de retirar a primeira resposta em que eu lhe promettia escrever logo mais, fazendo, porém, aquella observaçãozinha sobre os alexandrinos. Fica valendo a primeira parte da resposta. Mas vá logo dando desconto para a minha falta de tempo...

ANTONIO D'ELIA (São Paulo) — Suas cartas são sempre agradaveis e Você é um velho amigo de todos os Cabuhys... Comprehendo esses accessos de melancolia que é um imposto que a gente paga á sensibilidade. O Aizen já voltou e está aqui. Já apresentei a sua reclamação ao secretario que prometteu attendel-o, mas, por via das duvidas, vou renoval-a.

GOMES (Bello Horizonte) — Leio os seus versos e logo na primeira quadra deparo com isto: "Caminheiro que passa nessa estrada... se então chegares... descance um pouco", etc. Como vê V., ahi o temos referindo-se á mesma pessoa com pronomes na 2ª e na 3ª pessoas. Isso é bastante para estragar uma poesia em vernaculo. E o resto do seu poema não está mais feliz.

HUMBERTO NEVES (Rio) — Se é o primeiro soneto, póde continuar, pois dá para a coisa. A sua obra tem dois versos imperfeitos, mas já revela um talento poetico bem aproveitavel. Os versos imperfeitos são: o 2º do primeiro quarteto e o 1º do primeiro terceto. O numero de syllabas está certo, mas o alexandrino tem um feitio especial, uma regrazinha que até os diccionarios dão e que eu já repeti, nesta secção, varias vezes. E é muito pau insistir sobre coisas que estão ao alcance de qualquer um.

PEDRO LEVEL MOREAUX (?) — Não é assumpto para uma revista literaria. Dirija-se, de preferencia, aos jornaes, ou aos orgãos technicos especializados e creio que elles acolherão, com interesse, as suas revelações.

DR. CABUHY PITANGA NETO

NEM TODOS SABEM QUE...

Em Cerro León, para onde fugira em janeiro de 1868, procedente de Ita. Ibaté, Sólano Lopez escreveu estas palavras, que valem por uma proclamação de guerreiro vencido: "Derrotado em um quartel-general de Pikisiry, estou neste campo... Nosso Deus quer provar com isso nossa fé e constancia, para dar-nos, depois, uma patria maior e mais gloriosa, e vós meus soldados, como eu proprio, deveis sentir-vos novamente encorajados com o sangue generoso que, hontem, bebeu a terra de nosso nascimento"

* * *

Um medico inglez, o Dr. Lawson, calculou que as materias primas que entram na composição de nosso corpo são: agua, 45 litros; corpos graxos: a quantidade necessaria para fazer sete paos de sabão; carbono: a parte equivalente á mina requerida para 9 lapis; phosphoro: tanto quanto precisam 2.200 phosphoros; ferro: tanto quanto necessita um prego de tamanho medio; cal: a quantidade pedida para caiar uma pequena parede; enxofre: tanto quanto requer a limpeza de um cachorro cheio de pulgas; magnesio: uma porção.

CONTEMPLADOS NO TORNEIO DA 28.ª CARTA ENIGMATICA

CAPITAL FEDERAL

NORA SIMON — Rua Zizi, 25 — L. Vasconcellos.
PAULO F. DOS SANTOS — Moraes e Valle, 22, terreo.
ERNESTO DE CARVALHO — Pedro Americo, 39.
LUIZ VIEIRA — Uruguay, 127, casa VI.
LAURO S. DE OLIVEIRA — Hermezilia, 39.

ESTADO DO RIO

MARIO ALVAREZ FILHO — Vargem Alegre.
CARMEN DOS SANTOS LIMA — Santa Thereza.

ESPIRITO SANTO

ESTHER A. VASCONCELLOS — Nestor Gomes, 52 — Victoria.

MINAS GERAES

LEILA LIMA — Floriano Peixoto, 417 — Cambuquira.
LAURO FALLEIROS — Posta Restante — Bello Horizonte.
MARIA CAMPELLO — Sete Lagoas.
LOURIVAL LEMOS — Varginha.

SÃO PAULO

RUDY PACINY — Hippodromo, 91 — Capital.
ZIZINHA — José Bonifacio, 39 — Mogy das Cruzes.
URLICO NOVAES — Amaral Gama, 23 — Capital.
BENEDICTO AROUCA — Santa Isabel.
ABIGAIL QUERIDO GUIZARD — Rua America — Taubaté.

PARANA'

OSCAR PIMPÃO — Guarapuava.
LAURITA GOMES DE SOUZA — Caixa Postal — Ourinhos.

RIO GRANDE DO SUL

J. R. DE AZEVEDO — 15 de Novembro, 504 — Pelotas.
ANTONIO RUDY — Alfredo Chaves, 567 — Caxias.
JOARIAU — Sant'Anna, 1417 — Porto Alegre.

BAHIA

THOMAZ A. BASTOS — Carlos Gomes, 53 — Alagoinhas.
RHE'A CASTRO — Av. Pantaleão, 18 — Jacaré.
HERMOSA C. VIEIRA — Conselheiro Saraiva, 30 — Ilhéos.

PERNAMBUCO

ALCIDES A. SOUZA — Souza Leão, 40 — Cabo.
MIMILA MENEZES — Hospicio, 737 — Recife.

CEARA'

MARTHA ACCIOLY MELLO — Posta Restante — Capital.
ANTONIO SOARES LEITE — Crato.

RIO GRANDE DO NORTE

MARIA DA GLORIA DE OLIVEIRA — Paula Barros, 527 — Natal.

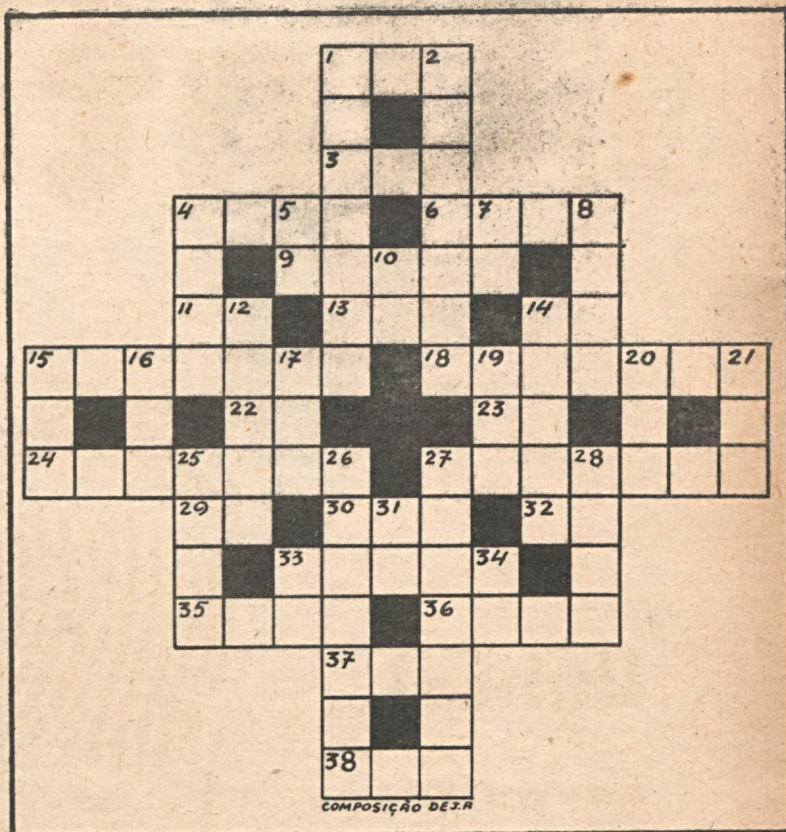
A solução exacta da 28ª carta enigmatica:

"Anecdota.

O Zé Coelho chegou um dia em casa, muito atrazado para o jantar.

Sua mulher indignou-se e estrillou com elle. No meio da discussão ella disse para o marido: — Vae-te para o inferno!

E elle para a casa da mãe della foi..."

Palavras cruzadas

Horizontaes

1 — Oxydo de calcio; 3 — Batrachio; 4 — Imprime acção, 6 — Vazio; 9 — Charrúa; 11 — Uma das sete; — 12 — Gracejar; 14 — Metade do auto; 15 — Tecido de seda; 18 — Joalheiro; 22 — Planta liliacea, oriunda da China; 23 — Contracção; 24 — Acampamento; 27 — Collecção de cartas; 29 — Para moer; 30 — Unica no seu tempo; 32 — Indicio; 33 — Refeição; 35 — Estria; 36 — Troveja; 37 — Quasi doido; 38 — D'ella.

Verticaes

1 — Para fumar; 2 — Homem; 4 — Intuito; 5 — Alli; 7 — Contracção; 8 — Cá; 10 — Interjeição; 12 — Verão; 14 — Ave; 15 — Data; 16 — Massa de agua; 17 — Especie de cotovia; 19 — Suffixo designativo de "preto"; 20 — Reles; 21 — Salutar; 25 — Paixão; 26 — Heranças; 27 — Dá nome; 28 — Instrumento para aggredir; 31 — Siga!; 33 — Quadrupede de marcha lenta; 34 — Terminação de certos verbos.

Mais um interessante problema do nosso assiduo collaborador "João Bobo".

As soluções devem ser enviadas a esta redacção — Travessa do Ouvidor, 34 — Rio, até o dia 31 de Março, data do encerramento deste torneio. Na nossa edição de 12 de Abril apresentaremos o resultado do sorteio procedido nesta redacção entre as soluções certas e que obedecerem a todas as condições aqui exigidas. E' indispensavel que o "coupon" abaixo acompanhe a solução, devendo os seus claros conter a assignatura ou pseudonymo do concurrente e residencia. Vinte magnificos premios serão distribuidos em sorteio entre os solucionistas.

PALAVRAS CRUZADAS
COUPON N. 7
Nome ou pseudonymo .. ..
.. ..
Residencia .. ..
.. ..
.. ..

DE FLORICULTURA E HORTICULTURA

OS LIMÕES E AS LARANJAS Á BEIRA-MAR...

NA Africa do Sul, uma das partes mais adeantadas do Continente, em materia agricola, faz-se a plantação dos individuos do genero citrus nas immedinções da zona atlantica. Quer dizer que os habitantes do littoral mediterraneo (francezes e italianos) andaram acertados povoando a Riviera de laranjeiras, "arvores das maçãs de ouro" de Victor Hugo e que tanto decantaram Lamartine e Goethe.

* * *

UMA ORCHIDEA DE ESTRUCTURA COMPLICADA

A orchidéa brasileira "Starnhafea" que da base das pseudo-barbas emergem inflorescencias que crescem obliquamente para bai-

xo, para deixar as grandes flores em posição pendente, é de estructura complicada.

Além das raizes fixadoras á arvore em que está agarrada tem outras "raizes colateraes" para cima formando um emaranhado onde se depositam pequenas folhas seccas, insectos mortos, aguas de chuva, constituindo tudo isso, talvez, o alimento da planta.

Aqui está a photographia da exquisita epiphyta que, graças a todas as especies de cuidados, floriu pela primeira vez no orchidalio do nosso collaborador botanico Dr. Eduardo Britto, de Viradouro, São Paulo.

AS VIRTUDES DA BATATA

GRAÇAS a Parmentier, que a preconisou como um precioso alimento e um agente therapeutico de summa valia, a batata ficou celebre nos annaes da culinaria, merecendo até lôas de gastronomos letrados (Brillat-Savarin, para não citar outros). Agora, um medico francez, tecendo rasgados elogios aos legumes, diz que a gostosa euphorbiacea "desenvolve as qualidades do bom senso".

Portanto, comam batatas, se querem ter juizo...

QUAL É A DOENÇA DOS OLMOS?

UM scientista belga, o professor Wetterdylk, não ha muito, trombeteou urbe et orbe haver finalmente, em seguida a constantes e longas pesquizas nas florestas flamengas, encontrado a origem do mal que soe atacar os olmos. E' um cogumello, que se nutre das fibras da arvore, e acaba com ella, fazendo-a desapparecer gradativamente. O professor Wetterdylk espera agora descobrir tambem o remedio contra a enfermidade.

Programma

Numa de suas chronicas d'*O Globo*, abordou Henrique Pongetti, ha dias, com muita graça e malicia, o caso de um pae amoroso, vigilante pela educação dos filhos e por tudo que dissesse respeito á felicidade do lar, e que, para attender aos rogos da familia, resolveu comprar um radio, isto em vesperas de fazer uma pequena viagem.

Qual não foi a surpresa, porém, do honrado pae de familia ao regressar á casa e ser recebido pelos garotos com as expressões mais rebarbativas da gyria das favellas!

Requebrando e cantarolando sambas freudianos, as creanças fizeram, rapidamente, um curso completo de cafagestagem.

Sabiam que as mulatas "passavam as notas" aos seus "gigolots", que a orgia é a unica profissão seria de um malandro, que a mulher deve sentir prazer em apanhar dos seus homens, que o trabalho é feito pára os "trouxas" e outras cousas assim edificantes.

O pobre homem ficou embasbacado e procurou saber da esposa onde os filhos haviam aprendido tanta cousa, sendo informado por esta da origem de tudo.

Está claro que, mais que depressa, o personagem da chronica de Pongetti mandou retirar o apparelho que, a continuar, subverteria a ordem domestica e prepararia novos candidatos aos cubiculos da Casa de Detenção, aos postos da Assistencia Publica ou ás vallas dos cemiterios.

O que é de lamentar é que, na realidade, os paes de familia que compram um radio, depois das costumeiras insistencias, não os retiram mais de suas casas.

Elle lá fica a ensinar ás creanças e, o que ás vezes é peor, ás pessoas grandes, tudo o quanto vem das sargetas moraes e intellectuaes da cidade.

A Confederação Brasileira de Radio-Diffusão quando toma medidas repressivas contra versos improprios, o faz não contra as obras, mas sim contra determinados autores, vingando-se, assim, de ataques feitos aos seus elementos mais graduados por esses mesmos autores, como já succedeu varias vezes.

Já é tempo, entretanto, de apparecer quem possa e quem queira tomar providencias a respeito, sem favorecer este ou aquelle, porque o assumpto não comporta partidarismos nem camaradagens.

O. S.

INVENTANDO O BRASIL...

(Caricatura de Lamartine Babo)

Mais uma vez, Lamartine Babo impoz suas composições carnavalescas. "Historia do Brasil" e "Ridi, Pagliaci" abafaram a banca. Mas é preciso cuidado com Lamartine. O disco que Brochado collocou debaixo do seu braço é capaz de ser dos Irmãos Valença...

NOTAS FÓRA DA CLAVE

Gastão Formenti submetteu-se a uma ligeira operação na garganta que o tem impedido de cantar durante os dois ultimos mezes. Entretanto, como já havia gravado varias composições, o proximo supplemento da "Victor" incluirá um disco seu, composto pela canção "Recordar", de Ary Kerner, e pela valsa "Folhas ao Vento", de Milton Amaral.

— —

A "Columbia", que havia interrompido a publicação dos seus supplementos mensaes, em consequencia das obras do seu studio, apresentou um que reune os mezes de Outubro, Novembro, Dezembro de 1933 e Janeiro de 1934, tendo no verso o de Fevereiro, em que só ha materia carnavalesca. Em Março essa fabrica retomará o seu rythmo costumeiro.

— —

Sylvio Pinto, cantor novo ainda, conseguiu no Carnaval deste anno um notavel successo com o samba "Yáyá Formosa", que não só ganhou o segundo logar no concurso da Prefeitura, como tambem venceu a preferencia do publico, sendo um dos mais cantados durante a folia.

— —

Ultimas novidades em fados: — "Desgarrada", "Os beijos são como as rosas", canto por Maria do Carmo; "Alegria dos Céos", "Fado dos olhos claros", canto por Edmundo Bittencourt; "Beijos Venenosos" e "Perdidas" tambem por Maria do Carmo. Acompanhamentos de guitarras e violas. Peças optimas para os apreciadores do genero.

Passado o Carnaval, época em que os cantores de sambas predominam, ouvimos Sebastião Lima, na "Casa Vieira Machado", dizer para Gastão Formenti, o querido interprete de canções e cousas delicadas: — Agora, Formenti, chegou a vez de você ser "rainha"...

— —

Gastão Cottini, cantor paulista que o Rio attrahiu, cantou, ha dias, no programma "Horas do Outro Mundo" de Renato Murce, uma composição de sua autoria, intitulada "Passarinhos". Ouvindo-a, Mario Cabral aconselhou a Gastão Cottini que a dedicasse aos leitores do "Tico-Tico"...

— —

Consta, nas rodas de artistas de radio, que ao propor a rescisão do contracto que a "Mayrinck Veiga" tinha com Francisco Alves, o director daquella estação, Sr. Antunes, disse ao referido cantor que esperava a sua annuencia, a menos que elle não tivesse onde trabalhar... Será verdade?

— —

No sabbado de Carnaval, no baile do "Palacio das Festas", o chronista de radio do "Globo", o brilhante Sodré Vianna, que tanto tem desancado os nossos cantores, dansava e se divertia com uma porção de artistas.

— Aqui, todos são bons... exclamou elle para um amigo que passava.

OS NOSSOS "STUDIOS"

Um aspecto, á noite, do Studio da Radio Sociedade, durante a execução de um dos seus programmas.

MAMÃE TEM A CUTIS LIMPA, ALVA E MACIA

USANDO

Leite de Colonia

PHARMACIA STUDART

Leite de Colonia 6

MICROBICIDA E PARASITICIDA

ESPECIALIDADE DA PHARMACIA STUDART MANAOS

EU TAMBEM QUERO USAR...

Preparado de real successo em todas as affecções da pelle.

Optimos resulta dos nas **brotoejas** e **coceiras infantis.**

Antes de applicar ler o prospecto que acompanha o vidro

"Na escolha de um producto para a cutis é de summa importancia: -- verificar a idoneidade profissional do fabricante, ou ouvir a opinião de um medico especialista" (Cons. Uteis).

O Malho

Sombras da Grande Guerra

1934 é o vigesimo anno que a Humanidade desfolha, após o rompimento da Grande Guerra. Nestes vinte annos, quantas transformações! Quem havia de suppor em Março de 1914, que, vinte annos depois, a Austria, separada da Hungria e governada, dictatorialmente, por um obscuro camponez teria de acolher-se, contra a Allemanha, á sombra do prestigio da Italia, da França e da Inglaterra? Quem imaginaria a resurreição da Polonia, o nascimento do fascismo e a quéda dos Romanoffs? Nesses vinte annos, o homem do povo caminhou do seio das massas e invadiu os parlamentos, derrubou governos e sentou-se no throno dos reis. Um pedreiro no governo da Italia, um pintor á frente dos destinos da Allemanha, um camponez governando a Russia e outro a Austria — eis o quadro do mundo, vinte annos após a Grande Guerra. Ruiram as monarchias, e as figuras dos reis apagaram-se no turbilhão de fumo e de poeira, ou vagueiam no exilio, como sombras sem vida, ou ornamentam o panorama politico, como um detalhe sumptuoso que os regimens conservam em homenagem á tradição.

Os grandes actores que representaram o estupendo drama da Conflagração Mundial — onde estão?

Guilherme II é um Hamlet septuagenario, com o cerebro invadido de brumas. A sombra gigantesca de Francisco José desappareceu sob o pequeno vulto vertical e vivo de Dollfuss. O proprio Hindenburg não é mais do que um modelo de marcialidade e disciplina que a Allemanha se esforça por refundir.

Clemenceau, Foch, Joffre, Wilson, Nicolau da Russia — a maior parte das personagens de primeiro plano mergulharam no oceano sem fundo e sem margens da Eternidade.

O ultimo a seguil-os e um dos que mais se engrandeceram pelo heroismo, pela abnegação e pelo sacrificio, aos olhos do mundo, foi Alberto I derradeiro rebento de uma estirpe de reis que encheram a Historia com a grandeza do seu vulto e a sabedoria do seu reinado. Elle desapparece no momento culminante da crise gerada no ventre da guerra européa, na occasião mesma em que a Humanidade colhe o fruto mais amargo da terrivel e sanguinolenta experiencia, no momento, portanto, em que mais necessaria era a sabedoria do seu conselho e mais acatada a autoridade da sua voz.

A Belgica chora ainda a morte do seu grande monarcha, mas o mundo perdeu muito mais, porque perdeu um dos seus guias mais lucidos e mais rectos.

A VIDA DOS OUTROS

Raspava Joaninha o feno bem seco que enche o prado. Um lindo sol de Junho passando atravez dos buracos do seu chapeu rasgado lhe afogueia as faces. Seus cabelos louros, mal apanhados, desenrolaram-se nos ombros. O feno perfumado estende-se por todo o campo. Ela o ajunta em feixes. Já há muitos montes aqui e acolá como grandes bossas. A rapariga está sózinha, canta, e a sua canção sobe no ar puro.

Todo esse trecho da sua terra parece cantar com ela: o riacho que transborda indo refrescar as flores e as relvas, os grilos nas cercas, as cigarras nos campos, os passaros nos galhos. Até mesmo algumas ovelhas, apertadas perto de um bosque que orla o prado, tomam parte de vez em quando no concerto.

Joaninha canta, trabalhando. O suor molha a sua nuca e seus braços nus que o sol tisnou. Sob os seus pés descalços, o feno remexido exala um cheiro agradavel. A canção fala de amor; é uma velha cantiga lenta e monotona, com palavras languidas. Entretanto, ás vezes a voz da pequena ceifadora diminue até ser apenas um vago murmurio, e seu rosto limpido se sombreia como um céu de tempestade, quando ela olha ao longe, bem distante, quasi escondida numa bruma azulada, a cidade que fica á beira do mar. A tristeza de uma cousa que nunca viu, um desejo não formulado aperta o seu coração. Era o anseio pelo desconhecido superior a tudo o que pudesse exprimir.

x x x

O Sr. Juiz volta a cavalo para a cidade de onde saiu pela manhã para visitar a região. No fim da grande alameda de macieiras que atravessa o prado, êle desce e, aproximando-se de Joaninha, pede-lhe um pouco da agua do regato que por ali passa. Inclina-se a moça e enche o seu copo de estanho que lhe estende com toda a gentileza. Suas faces enrubesceram mais ainda pois inclinando-se ela enxergara os seus pés descalços e a saia remendada.

Lentamente bebe o Juiz para melhor se refrescar, e, notando a atitude acanhada de Joaninha, tranquiliza-a com um elogio meio estouvado, (nada sendo mais contagioso que a timidez):

— Nunca bebi nada melhor, senhorita.

(O cheiro do feno irá inebriá-lo?) De toda a paizagem sobe uma suavidade rustica e esta moça parece resumi-la com seus grandes olhos claros. O Juiz conversa com Joaninha. Pede-lhe minucias sobre o seu trabalho, sobre a sua familia. Pouco a pouco ela se desembaraça, esquece-se de suas roupas velhas e de seus pés descalços. E ei-la se expandindo com simplicidade. A certas perguntas feitas por êle relativas ás cousas da cidade, nota com agradavel surpresa o espanto do seu olhar... e o Juiz vae se esquecendo de ir embora como tambem Joaninha se esquece do feno no prado.

A tarde chega, porém êle se desculpa a contragosto e retoma o cavalo.

x x x

Anoiteceu. No limite do horizonte, o sol se aproxima do mar onde se reflete e se confunde. O céu fica todo dourado. Toda a região parece se recolher. Até mesmo o riacho faz menos ruido e os passaros emudecem. Joaninha deixa escapar um profundo suspiro. Apoia-se no seu ancinho e não pensa mais em trabalhar. Ela acompanha com o olhar o cavaleiro que breve vae desaparecer; e então baixa a cabeça, lastimando a sua sorte...

"Pobre rapariga sou eu, pensou ela, não é um marido para você! Ah! si eu tivesse um marido como o Sr. Juiz! Êle me daria lindos vestidos em vez das minhas saias remendadas. E com bonitas roupas não é dificil a gente ser bonita. Papai não precisaria ter tanto trabalho e Mamãe tambem, e o meu maninho Juquinha seria tão feliz... Todo o mundo ficaria contente e não haveria mais pobres em casa...

Joaninha curva mais a fronte e uma lagrima rola numa florinha parecendo uma gota de orvalho.

O sol sumiu como se afundasse no mar. Mas, no poente, resplandeciam nuvens de ouro. Não se vê mais a cidade, inteiramente escondida numa bruma violacea. O cámpo se cala. Só os grilos cochicham ainda.

— Por que não volta Joaninha para casa? Alguem a chama: — "Joaninha! Janinha!"

— Já vou, — respondeu ela.

E, olhando o lugar que vae deixar, enxuga os olhos e diz baixinho comsigo mesma: — "Bem que podia ter sido assim..."

x x x

Deixou o Juiz o prado, triste e pensativo. Contém o seu cavalo que, descansado, quer trotar. A todo instante, volta-se para traz. Duas ou tres vezes avista a silhueta de Joaninha, imovel, apoiada no ancinho, entre os feixes de feno. Depois, nada mais. E pensa:

— Nunca encontrei carinha tão fresca. Suas respostas eram modestas e simples. E que lindo olhar espantado! Tudo nela é tão natural! Como seria bom ser ceifador de feno e casar com esta menina! Não teria mais processos cacetes a equilibrar a balança entre o justo e o injusto, ficaria livre dêsses advogados maçudos a interpretar codigos insipidos. Mas o trabalho ao ar livre, nos campos, com o bom perfume do feno e o canto dos passarinhos e esta agua fresca do riacho para a gente se desalterar... A' noite quando o rebanho volta dos pastos, que alegria encontrar e apertar ao peito essa moça sadia e bela! Veria despertar o seu coração como desabrocham as flores selvagens, em pleno vento e na paz serena da Natureza...

De repente, pensa o Juiz em sua mãe orgulhosa da sua fortuna, e nas suas irmãs todas bem casadas. E, como anoiteceu, chega êle á cidade, e lança um derradeiro olhar na direcção do prado onde viu Joaninha e pensa comsigo mesmo: — "Bem que podia ter sido assim..."

x x x

No dia seguinte os advogados sorriram na audiencia quando o Juiz poz-se a cantarolar uma velha canção de amor (a que a pequena camponeza cantara). E aconteceu-lhe muitas vezes, emquanto seguia o seu destino, rever-se de repente num campo ensolarado apanhando feno ao lado de Joaninha toda risonha...

No dia seguinte ralharam mais de uma vez com Joaninha, distraída no seu serviço. E aconteceu-lhe, emquanto seguia o seu destino, ver as paredes da cozinha transformarem-se em uma rica sala onde conversava á vontade com o Sr. Juiz que a chamava: "minha mulher"...

— Bem podia ter sido assim!...

x x x

Lastimai a ceifadora e lastimai o Juiz, o rico descontente e a camponeza sonhadora...

Cada qual vê a beleza da vida dos outros.

C.

HENRY BORDEAUX

Notre Dame de Paris

QUARESMAES

ESPECIAL PARA "O MALHO"
por
ASSIS MEMORIA

DENTRO do tempo quaresmal, em que ora nos encontramos, vale a pena relembrar a quadra interessante em que a eloquencia sacra, em seus acentos mais empolgantes, desperta, a altos brados, o sentimento da christandade inteira. Em Roma e Paris, as naves sagradas das basilicas e das cathedraes resôam, acordando um silencio mystico de seculos, ao poder magico dos demosthenes do pulpito, dos Ciceros christãos. E é todo um despertar de idades mortas, de éras defuntas, todo um mundo de campanarios e de carrilhões sonoros e graves, chamando os vivos á prece, convidando os mortaes á penitencia. Em **Paris, a ville-lumière**, a metropole **charmeuse** do figurino e da moda, na cidade, indice da civilização e paradigma da cultura universal; ali, onde, sob tantas apparencias duradouras, existem tantas ulceras secretas, — cousa singular! — é, precisamente, o theatro mais notavel dessas demonstrações de Fé e dessas manifestações d'aquella oratoria sacra que sempre caracterizou e ennobreceu o Christianismo francez, desde São Bernardo a Bossuet, desde a aguia de Meaux até Lacardaire e Monsabré. E' na Quaresma que surgem, do fundo de claustros celebres, os mais assignalados artistas da palavra sagrada e vêm á cathedra de **Notre Dame** prégar ao auditorio mais culto e mais heterogeneo do mundo. Damas da mais alta aristocracia do sangue e da mais authentica linhagem do espirito, literatos de escól, scientistas, banqueiros, homens de arte e representantes de corporações culturaes, toda uma assistencia de elite, emfim, comprime-se, attenta e curiosa, a ouvir o orador, essa como voz sepulchral, duas vezes autorizada, pela experiencia da vida e pelo poder incomparavel da eloquencia. Geralmente são os padres dominicanos os encarregados deste altissimo e difficilimo encargo. Desde mais de um seculo, em pleno apogeu do romantismo, iniciou as **quaresmaes** de **Notre Dame** o principe dos oradores francezes, no seu tempo, o inimitavel Padre Henri de Lacordaire, cuja eloquencia o insuspeito Anatole France comparava, mui a proposito, a "um incendio em marcha". Depois, veiu Monsabré, eloquencia soando bronze christão. Mais tarde surgiu Gafre, o brilhante talento que o Rio culto teve ensejo de applaudir, no nosso **Theatro Municipal**, ha umas duas dezenas de annos. Agora, está na cadeira de **Notre Dame** o famoso Padre Janvier, o idolo da **jeunesse dorée** da França. Essa tradição secular da eloquencia sagrada, na formosa cathedral de Paris, de tal arte popularizou-se que os parisienses, na sua eterna bonhomia, mui parecida com o humorismo carioca, na época que atravessamos, preparam-se, com a mesma ansia e garridice, para assistir á exhibição de um artista celebre nos palcos, como para ouvir um notavel orador no pulpito historico do legendario templo das margens do Sena. E é conhecida a phrase pittoresca dos meios elegantes de Paris: "Domingo de Quaresma, é tarde de dominicano, em **Notre Dame**. Todos á **Notre Dame**, pois!" Para os que vêem, na Religião, não sómente o seu lado esthetico, a sua musica sacra, a sua sacra eloquencia, a pompa do seu ceremonial e o esplendor da sua Lithurgia; para os que, com a visão da Crença illuminada, enxergam no Christianismo, a grandeza fecunda de sua essencia divina, a Quaresma significa mais do que tudo isso, que deslumbra os elegantes. Valem as **quaresmaes** por um incentivo, por um crescendo admiravel de Fé. Sim, dessa Fé inabalavel e profunda, que desloca rochedos e que transporta montanhas.

Coro e nave principal

Como vivem as "vendeuses" cariocas

Desejos, esperanças e desencantos

REPORTAGEM DE CARLOS RUBENS

As "vendeuses" cariocas são a alegria matinal da cidade. Enchem as ruas de movimento, graça e colorido, confundem-se com as operarias, aos grupos, risonhas e felizes. Pelo menos apparentemente felizes.

Surgem de toda parte. Dos bairros, do suburbio, de Nictheroy. Porque chegam antes da hora regulamentar do trabalho, vão ás egrejas rezar, admiram as joias e as modas nas "vitrines", conversam com os namorados, que nem sempre são os mesmos duas semanas seguidas... Entram depois para o trabalho, onde, activas e alegres, diligentes e bonitas, servem á freguezia heterogenea.

Tres "vendeuses" da Perfumaria Ramos Sobrinho, a elegante e modernissima casa da rua do Ouvidor, sahindo para o almoço.

A' hora do almoço, as "vendeuses" fazem o "trottoir" na Avenida.

Quatro lindas "vendeuses" da vitrine central da conhecidissima Casa Sloper, á rua do Ouvidor.

As "vendeuses" cariocas... Quem já lhes perscrutou o coração, procurou descobrir-lhes os sonhos vividos ou fanados, as aspirações e as dores? Foi isso o que procurámos fazer numa manhã tão azul e doirada, que as almas tambem deviam andar azues e douradas.

UMA "LEADER" QUE E' PELO "REAJUSTAMENTO"

A' porta da egreja de S. Francisco de Paula, um grupo de "vendeuses" discutia sobre o Carnaval. Batalhas de confetti: fantasias... Eram do Parc Royal, Perguntamos-lhes como vivem, o que desejariam?

Ellas riram. E, tomando ares de "leader", uma dellas falou:

— Vivemos bem. Estamos contentes com a nossa vida. Nossas aspirações não vão além do balcão. Se fossem seria para que tivessemos tambem um "re-

RAPHAEL TOBIAS E A MARQUEZA DE SANTOS:

POR OSWALDO ORICO

O DESASSOMBRO e o desprendimento dos paulistas têm as suas raizes na historia. Não constituem, como a principio se poderia suppor, uma simples improvisação no cosmopolitismo da hora contemporanea, um milagre de fadas numa noite de sonhos. Não. Um dos traços essenciaes da gente bandeirante é a pugnacidade, o espirito de conquista; o outro é a tenacidade, o espirito de resistencia. Póde um povo organizar de uma hora para outra, desde que sua economia e sua força material o permittam, um exercito em armas; póde transformar seu parque industrial num parque de guerra. Não logrará improvisar, porém, o espirito de combatividade, os grandes heroismos collectivos e o sacrificio espontaneo das multidões, si lhe faltar a virtude mestra por excellencia, essa especie de fluor, que, mesmo na obscuridade, detona violentamente ao contacto do hydrogenio.

A these póde ser illustrada com antecedentes honrosos, de maneira a garantir, com o exemplo do passado, que as virtudes da alma paulista, tão dignamente exercitadas na grave emergencia de julho, obedecem a um determinismo historico, e vêm de longinquas nascentes.

A figura de Raphael Tobias de Aguiar deve ser lembrada como exemplo. Os acontecimentos que enchem o scenario de nossa vida politica apontam nesse paulista de tempera um precursor do espirito combativo de sua gente, capaz de reflectir, no resumo energico da acção, os traços de arrojo, brio e desprendimento, que vivem no seu povo em estado calorico latente, isto é, insensivel ao thermometro das observações apressadas.

Começou a vida servindo num regimento de milicias. Fez a sua preparação na caserna. Aos vinte e seis annos, com o "panache" dum "petit Bayard", municiou e armou vinte e seis homens, para irem ao Rio de Janeiro combater as tropas de Auler, que buscava criar difficuldades á nossa independencia. Mais tarde, quando lhe pareceu que só um movimento armado desaggravaria sua provincia das injustiças e desacatos do poder central; quando se capacitou de que só uma insurreição geral em grande estylo contribuiria para devolver ao paiz a Constituição mutilada, a soberania impedida, jogou na fogueira da revolta a sua fortuna e a sua vida, lançando, na Camara Municipal de Sorocaba, o grito que, a 17 de maio de 1842, ecoou pelas cidades e villas de Itú, Porto Feliz, São Roque, Campinas e Jundiahy, convocando os patriotas para o movimento contra o gabinete que pretendia "reduzir a provincia de São Paulo ao mesmo estado misero das provincias do Ceará e da Parahyba".

Sitiada pelo exercito de Caxias, Sorocaba não tinha então outro recurso senão renderse. Dias asperos de lucta e desespero! As columnas da tropa revolucionaria, batidas consecutivamente nos encontros com as forças legaes, esmoreciam. Systematicamente recusadas pelo Barão de Caxias as propostas de armisticio honroso, a população alarmava-se. Nenhuma adhesão para crear novos estimulos! Nenhum facto novo que viesse modificar o panorama de sobresaltos! Decepções, mais decepções, só decepções. Antevendo o dia em que o exercito victorioso entrasse a occupar a cidade, já quasi sem resistencia, Raphael Tobias jogou mais uma vez o seu destino. Estava ali ao lado, vinda de longe, após jornada fatigante em companhia dos filhos, Dona Domitilla de Castro, a estrella do Primeiro Imperio, que o havia enfeitiçado quando presidente da provincia, transformando-lhe a explicavel prevenção num amor indominado e numa seducção irresistivel.

Aquella situação de epopéa estava a pedir um capitulo lyrico. Por que não o escreveria elle? Mandando adornar de rosas o oratorio de casa de D. Gertrudes Eufrosina do Amaral, onde habitava, resolveu ahi, diante de um capellão, tomar para esposa a antiga favorita do Imperador, dando-lhe o nome e o destino. Que havia de mais? Pois não viera ella, resoluta e carinhosa, amenizar-lhe a hora dramatica do cerco? Não arriscara tambem a sua dignidade, affrontando as voltas da estrada, para offerecer-lhe uma solidariedade sublime? Não viajara ás tontas, perdendo-se aqui e ali, sem pouso e sem garantias, para trazer-lhe o apoio moral e, mais do que isso, a dadiva dos filhos?

E o presidente rebelde da provincia, chamando ao oratorio da improvisada capella nupcial a antiga corteză, dignificada pela travessa áia, poz na epopéa revolucionaria de Sorocaba um episodio romantico, entremeou na tragedia do cerco um capitulo de idyllio, casando-se com a mãe de seus filhos, a Marqueza de Santos, em presença do padre Feijó, testemunha taciturna daquelle vesperal. Uma cartada após outra. Jogando com o destino, Raphael Tobias, foi mais uma vez generoso e arrojado. Não se deixou vencer pelo desastre. E poz na sua tragedia o fecho de uma ecloga.

Illustração de Cicero Valladares.

O vampiro do Casino Atlantico

Conto de Leão Padilha

O velho **garçon** acordou ás tres horas da tarde, com uma pontinha de mau humor, a cabeça meio zonza, a bocca secca. Praguejou em varios dialectos italianos, contra a vida que o obrigava a trocar o dia pela noite, mas intimamente sabia que aquella indisposição era o pago de uns restos de **Champagne** que andara a esvasiar das garrafas de alguns freguezes mais fartos. Dona Rosa, sua irmã, serviu-lhe a primeira refeição e veiu sentar-se á mesa, calada. A certa altura, como se não pudesse mais conter-se, rompeu:

— Olha, Luigi, a Marina anda por ahi de namoro.

Silencio. O velho **garçon** limitou-se a olhar a irmã, como quem diz: — Adiante! E continuou a comer. Dona Rosa levantou-se, num impeto:

— Se fosse com um rapaz da sua igualha, não havia nada de mais — eu sei. Mas é que o typo veiu trazel-a, hontem, de automovel, num rico automovel fechado, cheio de vidros e de luxos...

— Particular?

— "**Comme no?** particular. Um carro fechado, novinho, e azul, azul. E o sujeito? Que roupas! Que perfumes! Um homemzarrão moreno que poderia ser pae da Marina. Aquillo é gente de muito dinheiro. E você precisa abrir os olhos de sua filha." E a italiana velha continuou a desfiar um rosario de conselhos e de informações.

— Basta! — gritou o irmão — Basta: quando a Marina chegar, vou falar-lhe. E a **senhora** póde guardar os seus conselhos.

Mas Dona Rosa não era mulher que se atemorizasse com tão pouca coisa e continuou a cacarejar em torno do automovel e do homem do automovel, emquanto o irmão mastigava, em silencio, a sua comida. A' noitinha quando a moça chegou do trabalho, o **garçon** veiu para a sala de jantar, novamente, sentou-se e esperou a filha, tocando tambor com os dedos tremulos, na taboa da mesa. Dona Rosa ficou de pé, como quem aguardava graves acontecimentos, prompta a intervir. A Marina sentou-se a comer e entre uma garfada e outra, ia falando sobre coisas do seu serviço. A certa altura, notou que ninguem a acompanhava na conversa, parou e, olhando para os dois italianos silenciosos, desafiou-os:

— Já sei: temos sermão hoje. Podem começar.

Silencio. Luigi continuava a rufar os dedos na mesa, compondo, mentalmente, um preambulo que facilitasse a entrevista.

— Vamos! — tornou a pequena. Qual é o programma hoje?

O **garçon** levantou a luva e atacou, de sopetão, sem preambulo nem meias conversas:

— E' isto mesmo. Eu não me importo que você namore. Rapazes da sua classe, ha muitos por ahi e bons. Mas não quero que você se metta com esses pelintras. Eu vivo no meio delles e conheço essa gente: sei o que querem todos elles.

— Ao menos se fosse um rapaz! — gritou Dona Rosa, que ardia de bellicosa impaciencia. — Mas um velho... um sujeito que tem idade de ser seu pae!

— A senhora não tem nada a ver com isso — contra-atacou a moça. — Quem escolhe os meus amigos, sou eu. E elle não é velho coisa nenhuma.

— Não é por ser velho — tornou o pae, brandindo o mesmo argumento. — Mas esse sujeitinho não póde ter boas intenções. E eu conheço esses typos. Lido com elles todo dia. Sei o que elles querem.

— Já sei. O senhor já disse. Mas não adianta.

— O que ella quer é isso mesmo, Luigi: luxos, automoveis. Não se enxer...

— Quem não se enxerga é você, velha enredeira! Fala porque tem inveja.

— Eu, inveja?

E as duas se pegaram num bate-bocca vehemente, até que a Marina trancou-se no seu quarto e, lá de dentro, poz-se a cantar e a assoviar a todo o folego.

O garçon procurou acalmar a irmã, mas acabaram os dois pegando-se numa discussão interminavel.

— **Bene! Bene! Bene!** — gritou elle já farto de tanto palavreado. Basta! Eu é que não fico mais neste inferno. Vou-me embora. Vou p'ro diabo. Vou...

A porta fechou-se, violentamente, atraz delle.

\+ \+ \+

A' meia-noite, no Casino Atlantico, não havia mesa vasia. As salas de jogo fervilhavam de uma multidão de **perús,** e de viciados. Mulheres decotadas e elegantes tomavam attitudes de grandes damas, ante a impassibilidade do homem da Caixa, que, todos os dias, lhes pagava um ordenado fixo e uma percentagem sobre a renda que traziam para a casa. Physionomias alegres, physionomias fatigadas ou tragicas, mascaras de cupidez, de decepção ou de tédio confundiam-se na lufa-lufa do jogo com os **pharóes** que recebiam as fichas na gerencia e faziam paradas emocionantes.

Do salão do restaurante, ouviam-se o ruido das fichas, o talalar mecanico da roleta e o grito do **croupier:**

— Façam o jogo!

Silencios expectantes. Borborinhos de vozes e, de longe em longe, o barulho de uma altercação. De quando em quando, no fundo da sala, a orchestra declamava, sem convicção, **blues** pejados de angustias e tangos cheios de lagrimas e bemóes.

De um dos cantos, dois olhos frios e vigilantes acompanhavam todo o movimento do Casino. Dois olhos frios sobre uma face tranquilla de burguez. Uma testa larga que se prolongava numa calva respeitavel e pacifica. Era o Durães, dono de tudo aquillo, e da selvagem cabeça de mulher que floria sobre a mesa ao lado. Apparentemente, elle não passava de um cavalheiro amante do jogo, bastante rico para sustentar uma amante carissima, actriz em disponibilidade, bella e estupida como um animal de luxo, propria para enfeitar, esplendidamente, uma mesa de "cabaret" ou uma **garçonniere** de millionario.

De quando em quando, um sujeito qualquer saudava o casal, com intimidade, beijava a mão á Dora, e sentava-se. O Durães acolhia-o amavel e tranquillo. Conversavam banalidades. A certa altura, o recem-chegado cortava a palestra com um: — Quero falar-lhe em particular.

Entravam os dois homens para o gabinete do gerente.

— Estou precisando de uns cobres...

O Durães ouvia calado, sorridente.

— ... para tentar a sorte, hoje.

— Quanto quer?

— Dois contos de réis.

O Durães mettia a mão no bolso e tirava dois livrinhos. Num, de cheques ao portador, escrevia dois contos. No outro, de talões de letras promissorias, rabiscava tres contos, a vencer-se dentro de uma semana.

Eram assim os seus emprestimos: juros de 50%, prazo de sete dias.

— Espero que esses dois contos lhe rendam vinte na roleta.

Guardava a promissoria tranquillamente, concertava a gravata, como se acabasse de fazer algum esforço e voltava a sentar-se ao lado da amante, para levantar-se dahi a pouco, acompanhado de outro conhecido, rumo ao gabinete do gerente.

\+ \+ \+

Absorvido no seu serviço, o velho Luigi esquecera, completamente, as preoccupações domesticas. Emquanto servia a mesa a uns rapazes, ia escutando:

— Mas é mesmo um pedaço de mulher!

— Quem? A Dora? Esplendida, mas deve custar uma fortuna ao Durães.

— E o melhor é que elle ainda se dá ao luxo de perseguir tudo quanto é empregadinha de commercio que lhe cahe debaixo das vistas. Ainda hontem passou por mim, numa barata azul, com uma moreninha do outro mundo.

Foi como se dessem um choque no velho **garçon.** A idéa de que era o Durães que andava a cortejar-lhe a filha, illuminou-lhe o entendimento com um clarão de relampago:

Um homem já maduro — bem vestido... a barata azul... Não foi assim que Dona Rosa lhe descrevera o namorado da filha?

Retirou-se para a copa, perturbadissimo. Começava, neste momento, um numero de dansa. A sala ficou ás escuras. O reflector acompanhava todos os passos da bailarina que se alava no bico dos pés, repetindo os velhos rythmos de um bailado pastoril, lembrando nymphas em campos cheirosos a verdura, alegria e embriaguez de vindimas sagradas.

A idéa de que o Durães lhe seduzia a filha não sahia da cabeça do velho **garçon.** Quando os outros companheiros soubessem, como iriam lamental-o:

— Sabem qual é a ultima conquista do Durães? A filha do Luigi.

Lembrou-se dos rigidos costumes da sua aldeia natal e o orgulho do velho sangue italiano ferveu-lhe nas veias.

— Havia de pedir-lhe satis-

fações. E se não lhe désse attenção, matava-o. Para o diabo com os seus milhões!

E se não fosse o Durães? Se fosse outro? Afinal, Dona Rosa peccava sempre por excesso de imaginação. Mas os traços coincidiam: boas roupas... automovel azul... meia idade... a moça morena... uma "uvinha"... sua filha! O' vergonha!

A bailarina continuava descrevendo, sobre o soalho illuminado, as estrophes de uma pastoral virgiliana.

O resto da sala completamente ás escuras.

— Que bom logar para um crime! Uma punhalada certeira, e o Durães nem tinha tempo de dar um grito. E era uma vez o vampiro!

A luz accendera-se. A bailarina fugia, sorrindo e jogando beijos.

Dali, por diante, o Luigi não perdeu o menor gesto do capitalista. Acompanhou, com os olhos, todas as suas idas e voltas ao gabinete do gerente. Viu quando elle foi ao elevador levar a Dora, coberta de sedas, de joias e dos olhares cupidos de cem homens. Teve receio que o agiota se fosse de uma vez. Mas não. Ao voltar, o Durães foi abordado pela allemã gigantesca que, todas as noites, vinha com as duas filhas louras e impassiveis como duas bonecas jogar, allucinadamente, na roleta.

O Durães rondava em torno das pequenas, como urubú faminto, mas ellas pareciam de pedra. Desta vez, a velha estava só e nervosa, emquanto as moçoilas, sentadas ao fundo da sala, continuavam alheias e distantes.

O agiota entrou com a allemã gigantesca para o gabinete do gerente. Dali a um pedaço, a mulher sahiu sózinha, voltando com uma das filhas pela mão.

O coração do **garçon** batia, violentamente. Afigurava-se-lhe assistir a um drama formidavel de sordidez e de miseria. Não demorou muito que a velha sahisse sózinha para a Caixa, a descontar o cheque, e atraz della o Durães, sorridente, com o rosto illuminado de triumpho, ao lado da pequena sempre serena e indifferente.

— Consummou-se a venda — pensou Luigi. Durante o resto da noite, o **garçon** continuou a acompanhar de longe os movimentos do agiota. Varias vezes, vira-o tentando retirar-se, mas a pequena forçava-o a ficar. Já era tarde, quando um velhote todo nervoso carregou o Durães para o gabinete do gerente. Toda gente ouviu, a seguir, o barulho da altercação dos dois. Ao reabrir-se a porta, com violencia, viram todos, empurrado pelo Durães, o velho que berrava como um possesso.

— Ladrão! Miseravel! Você me paga!

Um **detective** correu solicito e pediu-lhe que se retirasse, emquanto o arrastava, á força, para o elevador. A sala toda commentou o caso. O velhote era fiel de thesoureiro de uma repartição fiscal e um dos mais assiduos frequentadores da bolsa do agiota. Ultimamente, perdera uma fortuna no jogo do Casino. Todos comprehenderam que elle estava arrebentado afinal, e que o Durães lhe cortara o credito.

* * *

Quando o Luigi trocou a empertigada roupa de **garçon** pelo seu surrado paleto sacco, estava ainda mais sombrio e preoccupado. De instante a instante, uma idéa accendia-se-lhe na consciencia, como uma lampada incandescente:

— Esse diabo não perde por esperar...

Estremecia todo como se já houvesse commettido o crime.

Não dormiu o resto do dia, senão intermittentemente. Cochilos rapidos, sacudidos por pesadelos e por aquella idéa que, de quando em quando, vinha de baixo, do fundo do seu ser, para a superficie, como uma boia luminosa:

— Elle me paga... tudo o que tem feito.

De tarde, ouviu o garoto do jornal passar apregoando:

— **A Noite! Globo! Diario! Vanguarda!** O crime da casa de jogo! Quem vae ler o assassinio de um capitalista?

O **garçon** pulou da cama e comprou um jornal. Desdobrou-o ansiosamente. Logo na primeira pagina, viu, espalhado em quatro columnas:

AS TRAGEDIAS DO PANNO VERDE

Alto funccionario publico abate a tiros, á porta do Hotel Londres, conhecido capitalista. — O crime prende-se a questões de jogo. — O criminoso confessa, tambem, a autoria de vultoso desfalque

O retrato do Durães avultava, nitido na pagina, ao lado de uma photographia do velhote fiel de thesoureiro.

O Luigi foi tomado de uma tremedeira nas pernas, que o abateu sobre a cama, anniquilado.

Dona Rosa que o ouvira levantar-se e vinha perguntar-lhe se podia botar a mesa, encontrou-o ainda pallido e arrasado.

— Que tem, homem?

— Olha lá. Não te recordas desta cara? — perguntou mostrando o retrato do agiota.

— Eu já vi esse typo, sim... Mas, onde? onde?

Fez um esforço de memoria:

— Já sei. Foi no cinema... fazendo um papel de policia.

— Lembre-se bem, Dona Rosa: O namorado da Marina... O homem da baratinha azul.

— Então eu não sei? Nem sombra de semelhança... Mais se parece um ovo com um espeto.

A Mulher e a Grammatica

CARLOS MADEIRA

Mulher sem vaidade é substantivo abstracto: só existe na imaginação.

✣ ✣ ✣

A mulher adultera é um substantivo improprio: perde sua categoria — é um verbo que se emprega como substantivo.

✣ ✣ ✣

Mulher fiel é um adjectivo qualificativo restrictivo.

✣ ✣ ✣

Ha mulheres como o attributo adjectivo: variam para concordar com o sujeito.

✣ ✣ ✣

A mulher é como um verbo auxiliar, na conjugação periphrastica: precisa de um verbo principal que lhe dê valor.

✣ ✣ ✣

A mulher honesta é como o verbo ser: está, sempre, lónge do attributo, que é um rapaz-maneiroso.

✣ ✣ ✣

A mulher solteirona é o verbo defectivo impessoal: falta-lhe o sujeito, tempo e a pessoa da conjugação.

✣ ✣ ✣

Mulher bonita e solteirona é um adverbio: atrapalha o sentido do adjectivo, do verbo e até do adverbio.

A mulher que auxilia casamentos é à conjugação copulativa E.

✣ ✣ ✣

A mulher apaixonada é a interjeição: exprime, exaggeradamente, suas emoções.

✣ ✣ ✣

Nas mulheres, o coração é a radical: não varia: o cerebro é a desinencia.

✣ ✣ ✣

Homem casado, que se sujeita á autoridade da esposa, é como o sujeito na conjugação interrogativa de um verbo composto: desapparece entre o o *principal* e o *auxiliar*...

✣ ✣ ✣

As mulheres eruditas são como os verbos irregulares: abandonam o modelo; fogem da communidade. Ha, tambem, verbos de irregularidade apparente...

✣ ✣ ✣

Os casados que não se comprehendem são como os compostos juxtapostos: estão separados, não obstante os traços de união...

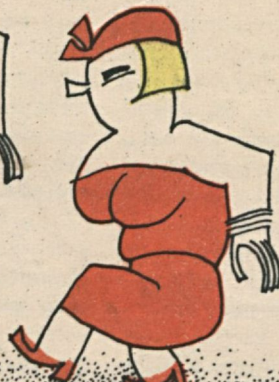
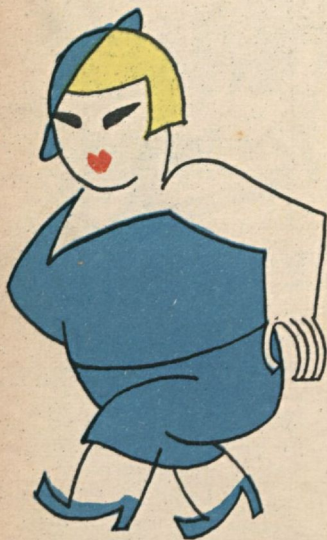
✣ ✣ ✣

A mulher casada é como o derivado improprio: passou de uma categoria para outra...

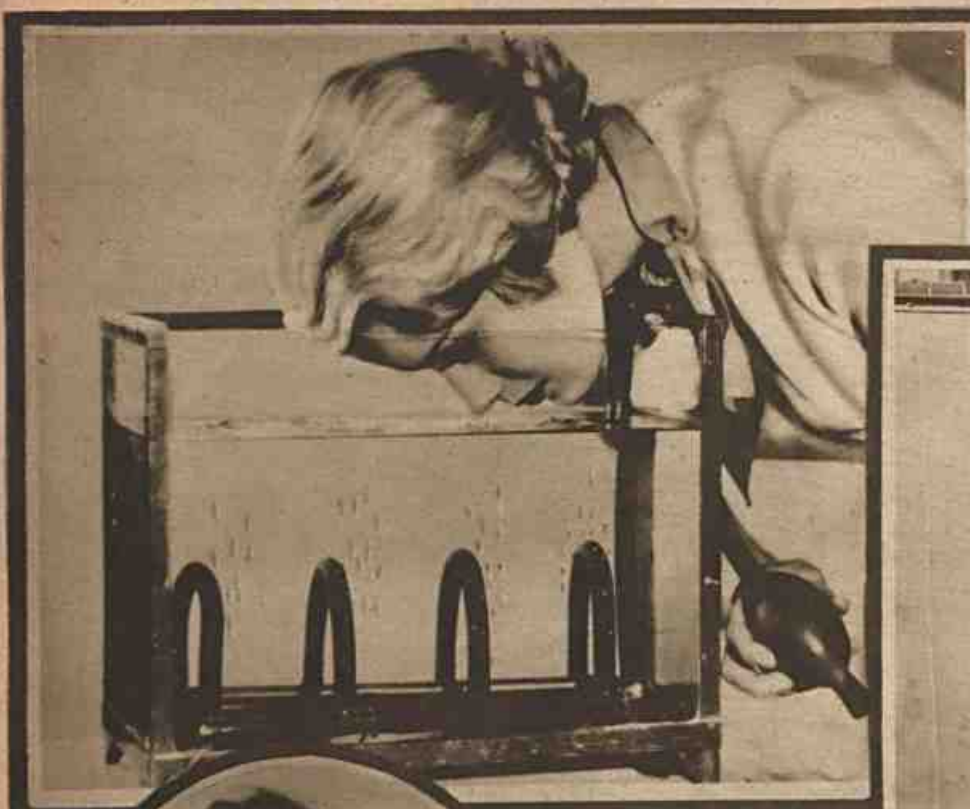
✣ ✣ ✣

...Ha, porém, mulheres que passam de uma para outra categoria, sem o casamento: são os derivados proprios, que se formam com o suffixo.

NOS DOMINIOS DO BOX

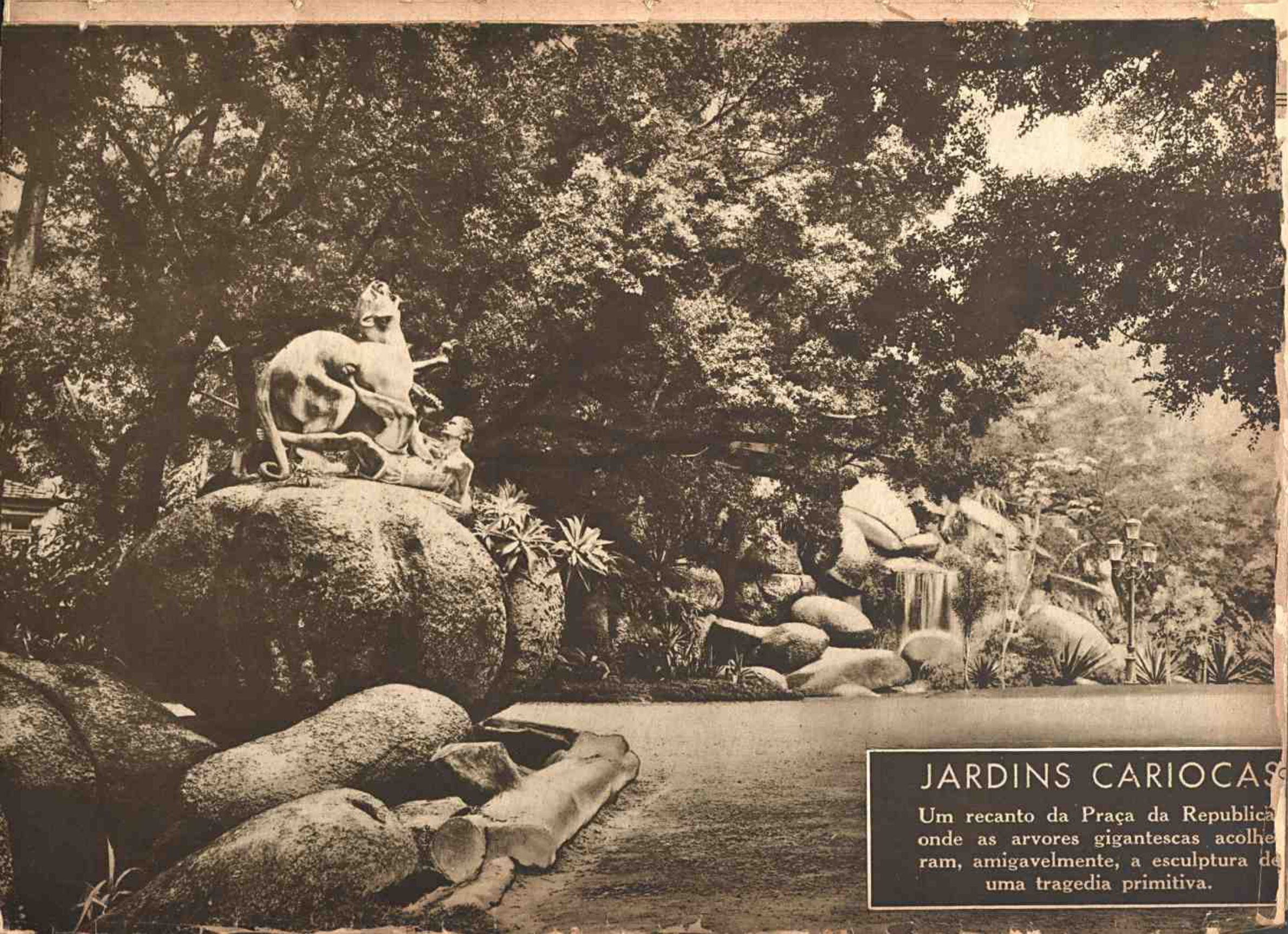
O BOX NA AUSTRALIA — No encontro, realizado no **Stadium** de Sydney, entre o americano Dave Shade e o australiano Hemmeberry, a victoria pendeu para o americano. A photographia focaliza o momento em que Hammeberry (á erquerda) envia um "right cross" ao queixo de seu adversario.

NOVIDADE SPORTIVA — Por occasião do encontro que teve no "Auditorium" de Oakland (California) com Chuck Stringari, o athleta Dean Detton (o que plana no espaço) exhibiu-se numa modalidade de luta por elle creada. Um dos lutadores dá um salto e procura atacar os pontos vulneraveis do adversario por meio de golpes com os pés.

ESPECTACULO DIVERTIDO — Emquanto não se effectuava o combate com Loughran, o gigante italiano Primo Carnera se distraia, no "ring" do Deauville Club de Miami (E. Unidos), boxeando com o invisivel...

O MUNDO EM REVISTA

UM APPARELHO PARA BRANQUEAR A PELLE — As artistas de Hollywood (a começar por Joan March), estão adoptando agora um apparelho maravilhoso que permitte branquear e amaciar a pelle. Esse mecanismo é provido, no interior, de tubos perfurados, que espalham oxygenio na agua logo que se aperte um botão de borracha. As bolhas de ar augmentam em 20 °|° a quantidade de oxygenio contida no liquido.

O SOL NÃO LUZ PARA TODOS — Midge Loewi, filha do Sr. Mortimer Loewi, da alta sociedade americana, e banhista querida na praia de Miami, é uma das grandes propagandistas da heliotherapia. Ella disse aos jornalistas que sentia muito não poderem todas as suas amiguinhas do norte tomar banhos de sol. Naquellas altitudes, a temperatura estava então muito baixa.

NOVO "RECORD" DE ALTITUDE — O aerostato "Syrius", sob o commando de Paul Fedoseenko, que aqui se vê, conseguiu, em 30 de janeiro, bater o *record* da maior altitude. As 12 horas desse dia, achava-se já a mais de 12.000 metros acima do mar. O "Syrius", que foi construido pela Empresa de Aviação Russa Osoaviakhim com material do paiz, tem um volume de 24000 metros cubicos. Além de Fedoseenko, voaram nelle André Vasenko e Ilia Usiskin, da Academia de Sciencias de Leningrado.

A EFFICIENCIA DA ARMADA AMERICANA — Aqui está o primeiro cruzador de linha mandado construir pelo Governo dos Estados Unidos para a defesa da sua integridade politica. Este lindo vaso de guerra, que tomou parte brilhante nas recentes manobras levadas a effeito no Pacifico, é um dos 240 estipulados no Relatorio Vinson, que passou no Senado e foi levado á assignatura do Presidente Roosevelt.

JARDINS CARIOCAS

Um recanto da Praça da Republica onde as arvores gigantescas acolheram, amigavelmente, a esculptura de uma tragedia primitiva.

Alguns Filmes Paramount

INICIA-SE, afinal, a temporada cinematographica de 1934 para a qual estão todas as produtoras excelentemente preparadas. A Paramount apresenta agora em Março "A bela desconhecida", "Cocktail musical" e "A mulher faz o marido", tres filmes de caráter diverso e todos tres muito interessantes.

E' protagonista do primeiro a linda Gloria Stuart. A intriga desenvolve-se entre as paredes de um hospital e antros de criminosos e é tão bem tecida que empolga vivamente a atenção do espectador. São companheiros de Gloria, James Dunn e David Manners.

"Cocktail musical" explora com muita vivacidade a vida entre bastidores, observando tipos e as mil e uma modalidades da vaidade humana. Entrelaçam-se varios casos de amor e como ha uma revista em ensaios não faltam lindos numeros de musica e cenas espectaculares do mais belo efeito.

TEMPORADA CINEMATOGRAFICA DE 1934

Bing Crosby, Jack Oakie, Skets Galagher, Judith Allen, Harry Green, Lilyan Tashman são os principaes.

"A mulher faz o marido" é uma charge divertidissima em que a influencia de uma esposa que sonhava com uma brilhante vida social eleva o marido, dia a dia, a culminancias com que ele nunca sonhara e tudo por efeito de um acaso benemerito e providencial que quiz por essa fórma assegurar ao casal prosperidades e venturas.

Portam-se dignamente dentro da comicidade de todas as cenas Mary Boland, Charlie Rugles, Lilyam Tashman, George Barbier, Morgan Wallace e outros.

Algumas fotos dos filmes ilustram esta pagina informando o leitor que se é fan não deve perder nenhum desses filmes e se não é... muito menos os deve perder!

PRODUÇÃO FOX

A Fox inaugura sua temporada do Alhambra com tres filmes que se destinam ao mais vivo e legitimo sucesso. São eles "Hoopla!", "O poder e a gloria" e "Ver e amar".

Em "Hoopla" reaparece Clara Bow endiabrada que põe fogo nas veias da gente e vae ser a nota de escandalo do mês, no papel de bailarina-vampiro admiravelmente secundada por Preston Foster, Minna Gombell, Richard Cromwell e o querido Herbert Mundin que Cavalcade celebrisou.

"O poder e a gloria" com Spencer Tracy, Colleen Moore, Ralph Morgan e Helen Vinson, além de outros, é uma obra de alta beleza e funda emoção. O interesse maior está na originalidade de apresentação. Uns atraz do outros transcorrem o acontecimentos da vida, da juventude á velhice, da velhice á juventude... E tudo é perfeitamente humano, agudamente sentido, impressionando espectador que vê estampar-se na tela cenas á vida real com uma nitide absoluta.

Por fim "Ver e amar" une em um idilio Janet Gaynor e Warner Baxter, assistidos por Walter Connoby, Harvey Stephens Margaret Lindsay, Mary Mc Cormick e muitos outros. Focalisa o filme um caso de ingenuidade deveras interessante. Janet acredita que sua irmã vae casar se por imposição pae ambas que está arruinado, por dinheiro. Resc ve imped a monstru sidade, tar mais que e apaixonada pe noivo da irmã.

A irmã, porém, ace tando a situação en morou-se do seu pretendente Janet vem a saber disso tard

Um romance de uma delicadeza incomparavel onde a ternura e o amor sincero tecem momentos inesqueciveis! Gaynor e Baxter, a dupla de ouro, volve uma pellicula de um encantamento superior ao famoso — Papae Pernilongo. —

A SEGUIR

GLORIA E PODER (The Power and the Glory)

Uma producção de Jesse L. Lasky
com
SPENCER TRACY-COLLEEN MOORE-RALPH MORGAN

Um film differente que consiste numa narrativa cinematographica como até hoje ainda não foi desvendado. Recommenda-se ao publico assistir a este film desde o inicio afim de não prejudicar o seu enredo de um poder dramatico humano e verdadeiramente intenso!

DEPOIS

HOOPLA (Hoopla)

com
CLARA BOW - PRESTON FOSTER
RICHARD CROMWELL

A segunda pellicula de Clara Bow "made in Fox Studios", na qual a irresistivel Clarinha, dos cabellos e labios de fogo, envolve em tentaculos de seducção toda a legião immensa de seus ardorosos "fans"! . . . . .

E PARA A SEMANA SANTA

Entre a Cruz e a Espada

com JOSÉ MOGICA - ANITA CAMPILLO - JUAN TORENA

Um romance historico que tem por scenario a California antiga e um drama lindo e mystico de um homem que amou e abdicou este amor num exemplo sublime de fé e renuncia.

SOB OS VELHOS HUMBRAES DAS UNIVERSIDADES DA AMERICA

(De Adolfo Aizen, especial para O MALHO)

AS Universidades americanas, no Brasil, graças ao Cinema, são conhecidas quasi que exclusivamente como possuidoras de optimos "teams" de football... Entretanto, creia-se ou não, nellas estuda-se tambem, e, dizem os naturaes, aprende-se muito...

O nosso companheiro, enviado jornalistico do Touring Club do Brasil aos Estados Unidos, visitou algumas destas Universidades. E se admirou da grandeza dos seus edificios, da belleza dos parques, da reverencia aos mortos, da jovialidade dos estudantes. E mais: do modo por que se vive, dos ensinamentos que ali se ministram, da antiguidade das instituições.

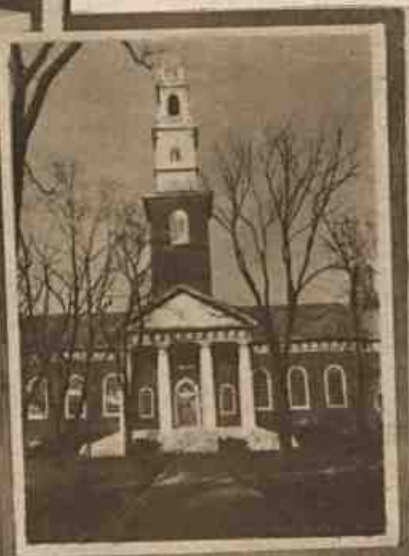
A Universidade de Brown fica em Providence, Estado de Rhode Island. A de Yale, em New Haven, Estado de Conneticut. E a de Harvard, em Cambridge, proximo a Boston, no Estado de Massachussets. Além de outras, já citadas anteriormente.

Harvard é a mais antiga. Foi fundada em 1640 por John Harvard, um dos puritanos fugidos da Inglaterra na época das perseguições. A sua bibliotheca se inaugurou com 260 livros e presentemente tem quasi tres milhões! Ao todo, onze mil e quinhentos estudantes vivem ahi e ella tem um movimento annual de 93 milhões de dollars! De todas as curiosidades destaca-se na Harvard University o Agassiz Museum e o Museu Semitico, este e aquelle com raridades de maior valor. As flores de vidro, um segredo que passou á morte, são o maior encanto dos visitantes do primeiro. E os objectos sagrados da Palestina, no segundo, infundem-nos respeito.

Esta placa de bronze, cercada por rubras trepadeiras, na Universidade de Brown, diz: "Neste edificio, em 19 de Agosto de 1790, George Washington, primeiro Presidente dos Estados Unidos, respondendo ás felicitações recebidas, disse que "você precisa de uma protecção, e essa protecção está no ensino e na educação que aqui recebe".

Adolfo Aizen junto ao monumento de John Harvard, fundador da Universidade.

O Museu Semitico, uma das grandes curiosidades de Harvard.

Uma vista do parque da Universidade de Harvard.

Monumento aos mortos na Grande Guerra, em Cambridge.

Este Arco é o Monumento da Universidade de Brown aos Mortos na Grande Guerra.

QUATRO SUPER-PRODUCÇÕES PARA INICIO DA TEMPORADA:

A BELLEZA das TRADIÇÕES

(ILLUSTRAÇÃO DE FRAGUSTO)

NOS velhos paizes super-civilisados, em os quaes o panorama cultural é desafogado e luminoso, a resurreição periodica de usos de outr'ora, enquadrados na moldura contemporanea, constitúe um dos capitulos mais encantadores da vida collectiva.

Na Inglaterra, na Allemanha, na França, na Italia, na Hespanha, em Portugal, a reconstituição de cerimoniaes brilhantes e imponentes, quaes os que marcaram indelevelmente os tempos da Edade Média — tempos de orgulho e de fé — suspende a vida delirante e de asperos labores, e dá ás cidades que dellas são theatro, horas longas e amaveis de pura e movimentada alegria. Para assistil-as, deslocam-se grandes massas humanas de todos os pontos do respectivo paiz, e, não raro, de nações distantes, como nas festas da semana santa, celebradas ao vivo, na cidade allemã de Oberammergan, e que se tornaram de fama universal.

Os trajos pittorescos que se exhibem, quebrando a prosaica monotonia da indumentaria da nossa época, põem uma nota de ingenuidade primitiva no frenesi jazz-bandico destes de tumulto e vertigem.

Nessas festas empolgantes, pela expressão e pela vigorosa execução do labor nativo, a alma das velhas nações como a Polonia, a Russia, a Hungria, a Rumania, a Servia, a Bulgaria se expandem em canticos quasi agrestes e em attitudes quasi barbaras.

Uma maravilhosa pagina de historia antiga!

No Brasil, paiz immenso, sem passado fundido na alma millenaria do tempo, as tradições não lograram o prestigio dos cabellos brancos. E, mesmo assim, a despeito de não haverem aprofundado as raizes na leiva do passado, quasi todas seccaram aos ardores do sol de uma civilisação incipiente.

O nosso sertanejo do norte e do nordéste é um perfeito antipoda do caboclo do sul. O aboio do nordestino é de uma infinita e communicativa tristeza; os brados dos peões e dos capatazes do sul, na pêga da animalada ou na parada dos rodeios são um canto glorioso de vibrante alegria. O do norte offerece o aspecto de um homem enfermo; e do sul é um annuncio ambulante de saude. Aquelle vive cercado de uma natureza hostil, eriçada de espinheiros, tecida de cipoaes bravios, e, por isso, usa roupa e chapéo de couro, não abandonando jamais o facão amigo e protector; este habita descampados livres, vê a terra e o céo abraçados em toda a fimbria do horizonte, e veste bombachas amplas, e traz sempre botas, espóras, guaiaca, pala, laço nos tentos, abrigando-se, do sol ou da chuva, sob as largas abas de um chapelão de feltro ou de palha. Um anda a cavallo mal assente num selim surrado, sem baixeiro, um barbicacho como rédea, e se alimenta de caça e de raizes; outro ostenta-se no pellego dos arreios desempenado e firme, com a arrogancia de um guerreiro medieval, e come churrasco e chuchurreia chimarrão. Mas, assim, apparentemente tão dispares, são irmãos gemeos na alma e nos sentimentos. Têm a mesma valentia, o mesmo arremesso no ataque, a mesma ingenita generosidade, o mesmo amor á lealdade, o mesmo espirito de sacrificio e de renuncia, são bem brasileiros — os sertanejos do norte e os caboclos do sul! E é na voz das violas e dos violões, ponteados por crepusculos roxos ou por noites de lua scismadora, que as suas almas se encontram, se reconhecem, se fundem!

No norte ainda vivem as tradições das festas que fizeram a delicia dos nossos antepassados. No sul, invadido pelo cosmopolitismo, quasi todas ellas desappareceram.

Eu tive a fortuna de, em criança, assistir as cavalhadas — derradeiro vestigio dos torneios da Edade Média — e que tanto enthusiasmo e tão viva emoção provocavam. Porque, em verdade, a conquista da argolinha tinha uma vivacidade dramatica. Era um sport arriscado, exigindo destreza, agilidade, segurança de golpe de vista e alta dosagem de presença de espirito.

Na Lapa, heroica e legendaria cidade do Paraná, o natal ultimo teve um brilhantismo insolito. As congadas, que nesse dia espalharam animação e vida na cidade, alcançaram pleno successo. As congadas são uma evocação da rude realeza africana, com um rei selvagem e autoritario, cercado de vassalos humildes e submissos.

O cerimonial é complicado e grotesco, mas muito divertido. E' todo entresachado de trovas — trovas como esta:

> Minha gente venha ver
> Os conguinhos a dansar,
> Vestidinhos de amarello
> Com brinquinhos de Sinhá.

Em muitas dessas cantigas sente-se a humildade resignada de uma raça soffredora e bôa.

Na photographia, que illustra estas linhas, apparece o rei dos Congos cingindo fino alfange do capitão mór da Lapa, ostentando, não só elle, como os vassalos, as melhores joias de suas ex-sinhás moças.

Graças sejam dadas aos deuses immortaes! Ainda ha congadas no Brasil!

Pena é que no Rio de Janeiro, na cidade maravilhosa, se tivessem feito no mesmo dia os funeraes de Mello Moraes Filho e os dos reisados e das pastorinhas...

E, porque deixar morrer as nossas tradições, que além de bellas e suggestivas, são o fio de ouro ligando o presente ao passado?

LEONCIO CORREIA

Não foi entrevista

. . . .

. . . .

"Não; não penso dêsse modo".

Foi assim que o major Agricola Bethlem, conceituado professor, atual Superintendente do ensino publico no Ministerio da Educação, atalhou uma opinião generalizada contra o esporte, vinda a proposito de lamentaveis resultados de futebol.

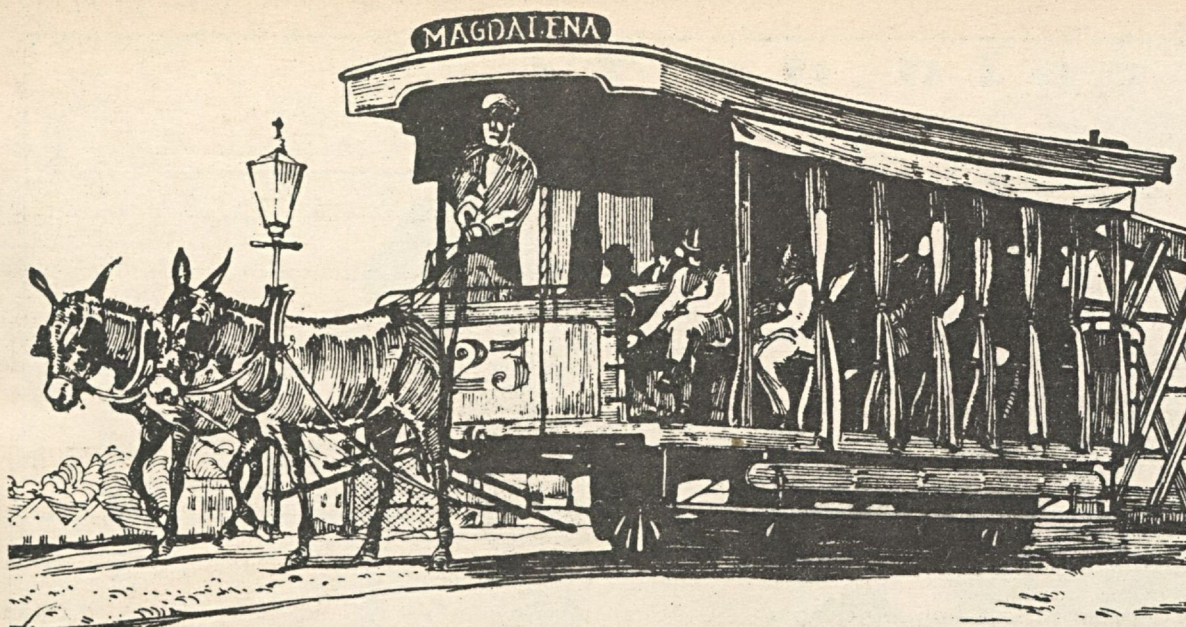
"Carlos Susseking de Mendonça escreveu um livro, certa vez, afirmando que o esporte estava deseducando a mocidade brasileira. A' opinião do escritor, eu", continúa o major, "contrapus a minha: — a mocidade brasileira é que não estava educada para o esporte. E hoje eu ainda penso como pensava então. A nossa juventude precisa educar-se para o esporte. Não para o esporte que se resume a si mesmo, ás suas finalidades imediatas, mas para aquele que objetiva, antes e acima de tudo, o vigor, a saúde e a beleza, atributos das raças superiores. Platão, que por duas vezes triunfou nos jogos olimpicos, não desejava o musico apenas **musico**, nem o atleta apenas atleta. A musica e a ginastica deviam, a seu ver, estar fundidas num trabalho harmonico de que resultasse o equilibrio perfeito entre o espirito e a materia. Esse **equilibrio** é que nos tem faltado. Ainda não foi possivel dissipar a desconfiança, tão generalizada entre nós, contra a educação fisica. Para muitos, ela embrutece. Para tantos, ela é desnecessaria. E para quasi todos, um perigo. Entretanto, desde Rousseau que a educação fisica vem sendo reclamada pela pedagogia. Pestalozzi proclama-a como um dos elementos imprescindiveis á escola. Os gregos aprendiam a declamar na liberdade das praias, enchendo os pulmões de osigenio e a alma de ritmos".

A palavra do ilustre catedratico do Colegio Militar, fluente, colorida e precisa, revela, de pronto, um espirito culto e disciplinado; é a palavra de um professor de matematica, mas que tambem sabe, á maravilha, a dificil arte de conversar.

Os leitores estarão, de certo, a torcer pela conclusão dêste rapido apanhado de simples palestra. Pois aí vai:

"Alguem já disse, com profunda verdade, que as escolas do Brasil são tristes.

Os nossos escolares são, realmente, homenzinhos carregados de responsabilidades, contemplando a vida com um olhar filosofico de quem compreende a missão grave que está destinado a cumprir. Bilac, que foi, nos ultimos tempos da sua vida, um dos nossos grandes propagandistas da educação fisica, definiu a tristesa inata do nosso povo e a melancolia pungente da nossa raça. Temos dentro de nós um deserto, uma floresta espessa, e um oceano aberto a todas as nostalgias. Somos a flor que brotou da fusão de tres raças contemplativas. Precisamos curar-nos.

E a cura está na educação fisica, que é uma expansão ao movimento creador de ritmos e á liberdade do espirito, pela renovação das formas. E' na escola que teremos de procurar a alegria da vida, que nos falta. Porque educar não é apenas transmitir sabedoria. E', acima de tudo, ensinar a viver"...

OS BONDES DE BURROS

MARIO SETTE

Lap... lap... lap...

Rua Nova. Anno de 1902. Movimento das 4 para as 5 horas da tarde. Muito tarde para a época. Grupos de rapazes de jaquetões de golla de sêda, calças tabicas, collarinhos altos a Santos Dumont. A's portas do Café Ruy ou da Casa de Madame Julia. Passam mocinhas de tranças dobradas ou cachos insolentes, vestidos semi-compridos, "mitaines", bolsinhas de camurça ultima moda. Seguem-n'as as mamãs desconfiadas, vigilantes, segurando as longas saias e com os chapéos cheios de flores, de plumas, de passarinhos, no alto dos revêssos penteados. Hora do voltar apressado ás casas. Os maridos, os papaes já tornam do trabalho. O jantar reclama ir para as mesas luxuosas da Magdalena ou para as modestas da Bôa Vista.

Na meio serenidade da arteria elegante do antigo Recife transita um carro. Um carro! Uma victoria de rodas vermelhas e de interior estofado a casimira branca. Bolieiro de farda cinzenta e botões dourados. E' a senhora do commendador Azevedo, o grande assucareiro do cáes do Apollo. Desce na loja do Gérard, mira-se aos grandes espelhos da parede, debruça-se no balcão acolchoado de velludo "grenat": — encommenda umas luvas de pellica, braço inteiro, para o baile do Internacional.

Lap... lap... lap...

O bonde, caminho do arrabalde, pára defronte da Alfaiataria Melicharek. Do bequinho dos burros sahe calmamente uma sóta, tangida por um pardo de roupa de brim pardo. A mula é jungida aos tirantes junto das outras duas que já vinham captivas á tracção desde a estação do Brum.

Ruido aspero de freio destravado, estalos de bocca, rumor surdo de rodas. Prosegue a viagem. O cocheiro, com seu bonézinho de oleado, debruça-se na plataforma, estende o braço, vibra o chicote. Zurze o animal do centro e os das extremidades. A tira de couro encolhe-se em espiral e distende-se em linguado. Ganha carreira o vehiculo, ganha impulso. Arrancam chispas das pedras do calçamento as ferraduras das doze patas das mulas. Estalos do relho.

— Burra! Eh! diabo! Vae!

Numa velocidade cada vez mais forte o bonde quer vencer a rampa da ponte, aos gritos animadores do cocheiro, ás pancadas do cabo do chicote na plataforma, ás lambadas do homem da sóta que segue no estribo ajudando... De subito, porém, os animaes perdem a coragem, o folego, o enthusiasmo. Diminue-lhes o esforço e a resistencia; as pernas retezam-se, paralysam-se a meio da ladeira. Recorre-se ao brêque afim de não dar para traz. Descem passageiros para alliviar o peso. Caras de fome, de desanimo, de resignação.

E' o "prego" infallivel, o "prego" de todos os dias á tarde, com a lotação triplicada. Chicotadas violentas, pragas, berros, ás vezes até "pelladas" em surdina... E nada. Nem um passo mais á frente.

De um kiosque, perto, populares tomando um café ou uma bicada, riem-se. Até uma grande gamelleira, arrepiada pelo vento, parece zombar.

— Mula do inferno! Anda, peste! Excommungada!

Nem como cousa. Os burros pareciam estar ouvindo inglez de cinema falado. Não se mexiam. Lá em baixo, em plena rua Nova, tres ou quatro carros aguardavam a sua vez de tentar a escalada da ponte e... pregar tambem.

Vinha, como sempre, do bequinho, pachorrentamente, uma outra sóta, trazida por um outro pardo. Atrellavam-n'a. Novas chicotadas, novos berreiros, novos estimulos de estalos, e, agora, sim, o bonde vingava a rampa, montava a ponte da Boa Vista.

As duas sótas voltavam sózinhas para seu posto habitual, vagarosas, pensativas, com seus graves oculos de sola, num displicente ar de quem cumpriu o dever.

Scenas de todos os dias de um Recife sem automoveis, sem calçadas de pedrinhas, sem arvores catitas, sem victrolas, sem saias-curtas, sem cinemas... Em vez da victrola havia a gaita de Lezeira, um cego popular que tirava esmolas soprando num realejo e dizendo umas cousas engraçadas. Conhecia os vehiculos da Carril pelos numeros, passando os dedos pela plataforma trazeira onde havia pintada a dezena de seriação. E exclamava num triumpho de reconhecimento tactil:

— E' o 58... Minha gente do 58, dê uma esmolinha para Lezeira!...

Na rua da Imperatriz existiam tambem burros de reforço. Hoje a força se mede pelos "cavallos"; naquelles tempos a medida era o burro. Dahi talvez a origem do dictado, do exquisito superlativo: "Talento p'ra burro... Boniteza p'ra burro... Dinheiro p'ra burro..." Na arteria boa-vistana as sótas, á falta de um bequinho, permaneciam em plena rua, alinhadas rentes á calçada. Ali os pregos eram menos frequentes.

Em compensação, na ponte da Magdalena, lado de Bemfica, os pregos constituiam serviço obrigatorio. Tão certo quanto o nickel para o conductor. Entravam nos horario os 6 calculos da Companhia ao organizar os horarios. Mesmo com quatro mulas, na curva o bonde estacava. E para andar de novo era um "caso sério". Pudera não! Si hoje, ali, o electrico geme... Chicotadas em grosso, berros, lamurias, desaforos. Os passageiros, embora acostumados, resmungavam. Uns, mais expansivos, taxavam a Carril de "peor empresa do mundo". Outros, franziam as testas, erguiam os oculos do nariz, olhavam para a maré invejando uma canôa que descia o Capibe-ribe á vara...

Sahia-se dali, sim. Nunca se deixou de sahir. Faça-se justiça. Ao passo que hoje, nos automoveis que enguiçam em plena estrada, quem sahe é o passageiro, e a pé.

Bondezinhos de burros, tinham suas virtudes, tinham. Uma dellas, a maior talvez, a de haverem sido contemporaneos de nossa mocidade, confidentes de nossos namoros, transportes de nossas esperanças e ansiedades, consoladores de nossos desenganos, de nossos arrufos, de nossas quebradeiras... Bondezinhos de burros, que saudades! Calmos, vagarosos, simplorios como a vida daquella época. Paravam em qualquer ponto a um aceno de mãozinha enluvada, de manopla cabelluda, de sombrinha de seda, de "parteira" desenrolada, de bengalinha de menino. Ou mesmo ao appello distante de uma voz ainda dentro de casa quando se terminava o laço da gravata ou se davam ainda as ultimas recommendações á mulherzinha sobre as compras da venda... O cocheiro, quasi sempre conhecido dos freguezes, esperava. Para que pressa?

Em cada linha os passageiros tinham suas viagens certas, habituaes. Todos eram familiares. Uma cara extranha era motivo de commentarios, de syndicancias.

— Quem é aquelle typo da barbinha que veio hoje no bonde?

— Ouvi dizer que é o novo inspector da Alfandega.

— Ou será o tal engenheiro que veiu endireitar a ponte da Torre?

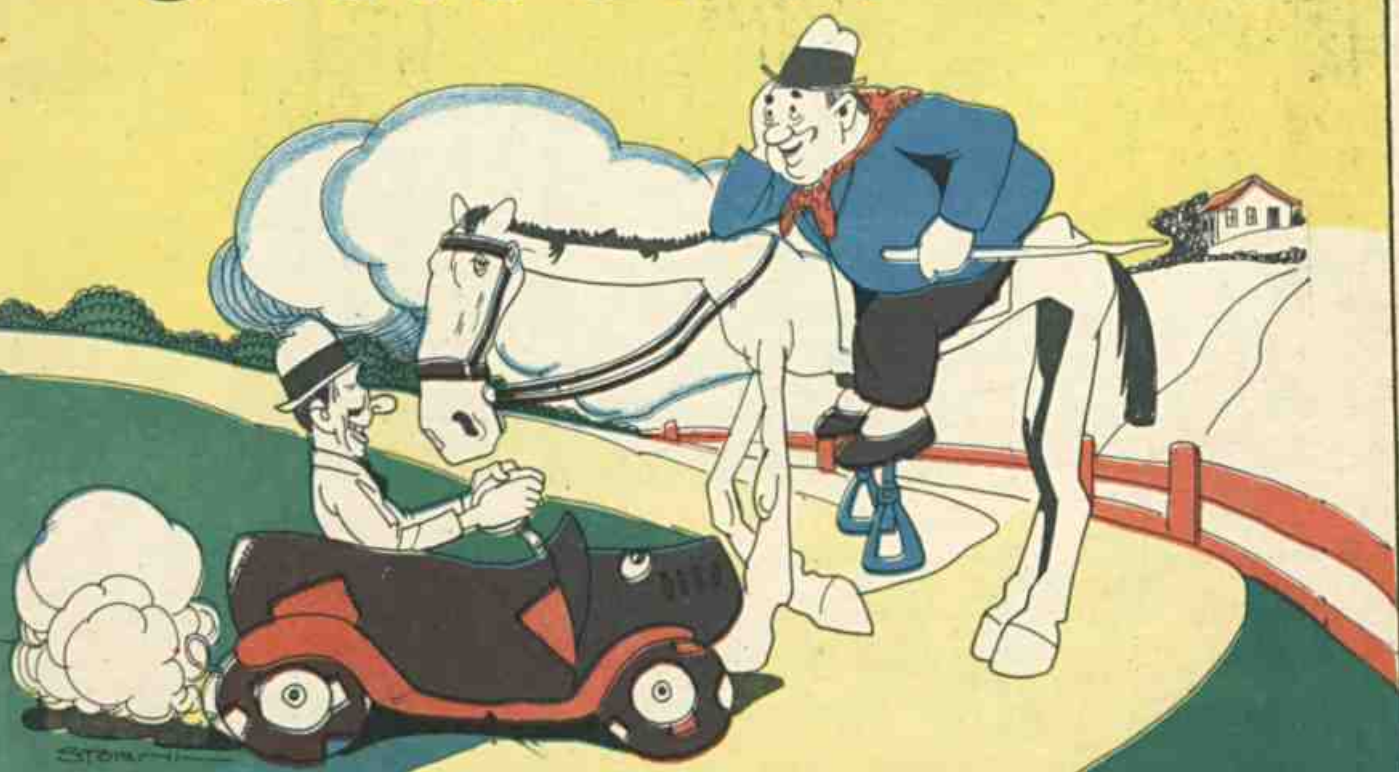
Já existia a preferencia pelas pontas dos bancos, maximé porque se pudesse subir ou descer por qualquer lado. O ultimo banco tambem merecia grandes sympathias: as dos namorados que ao passar pelas residencias das "ellas" podiam se virar para traz e gosar a visão querida até o virar da esquina.

Bondezinhos de burros! Que prestimos inestimaveis! Não para ir ás pressas a Afogados ou Santo Amaro. Mas para quando se viajava junto de alguem cuja companhia se tornava agradavel, fazendo-se castellos, conferindo-se olhos, bebendo-se halitos... Como se offereciam deliciosamente as linhas mais longas com suas esperas nos desvios, com seus pregos nas pontes, com suas mudanças de parelhas...

Parece-nos estar a ver os carrozinhos a muar de outrora. Pintados de vermelho, de taboletas de côres variadas: — Fernandes Vieira-Hospicio e Fernandes Vieira-Conceição, amarellinhas gemma de ovo; Afogados - Herval e Afogados - Caxias, bem verdes; Torre e Magdalena, rubras; Derby, branca com um friso côr de castanha; Santo-Amaro-Hospicio e Santo-Amaro-Aurora, todas azues. Carros de oito bancos com quatro logares honestos, em cada um. Honestos, sim, folgados, não propicios aos bolinas. Uma campainha nos pescoços dos burros ia tilintando pelas ruas da cidade e dos arrabaldes. Nas sextas feiras santas tiravam essas campainhas, em signal de respeito. Ingenuidade do tempo em que não havia a temer as gaitas de automoveis em dias de calmaria nem as sirenas das fabricas em noites de boatos... Os cocheiros usavam uns apitos para os signaes de alarma: — um transeunte na linha, um cruzamento, uma curva... Esta noticia de um jornal antigo dá bem uma idéa do Recife de então:

> "Hontem, pela manhã, na rua da Cadeia, um bonde da linha da Torre abalroou com um carro de passeio defronte da Botica Lusitana. O carro vinha do oitão da igreja do Corpo Santo. Do incidente sahiu arranhada na cabeça a mulher Maria da Conceição que ia passando na occasião. Um fiteiro ficou arrebentado. Informam-nos que houve imprudencia do cocheiro do bonde e do carro. O primeiro porque não apitou, como devia fazel-o, e o segundo porque vendo o bonde fustigou os animaes e quiz passar á força".

Outra scena typica: a do descarrilamento dos bondes. Ia um delles rua afóra, em certa velocidade, e, de repente pulava dos trilhos. Decepção para todos. Canseira e atrazo certos. O cocheiro coçava a carapinha; o conductor deixava seus calculos de passagens a contra gosto. Mudavam a parelha para a plataforma da retaguarda e tentava-se botar as rodas na trilha costumada andando-se alguns metros para traz. O carro pinota nos paralle-

O raid do 71

— Como foi que o aviador Lombardi errou a direcção?
— Porque no ar nem todos os caminhos conduzem a Roma....

lepipedos. Faz um barulho damnado. Por vezes acerta depressa e reencarrilha-se; mas, commummente, vae parar numa calçada, assustando os transeuntes, esbarrando num lampeão ou um frade de pedra. E experimenta-se então o reencarrilhamento a muque, com a ajuda dos passageiros, por vezes em trajes de rigor, vindos do lyrico no Santa Isabel...

Datavam os bondes de burros de 1870. Um anno antes fôra contractado com o sr. José Henrique Trindade o serviço de carris "dentro da cidade e seus arrebaldes". E no dia 23 de Setembro de 1871 a Pernambuco Street Railway Company fez correr seus primeiros bondes para a Magdalena, o arrabalde da nobreza. Tão sómente até a entrada dos Remedios. No dia da estrêa conduziram 2695 pessoas. Depois, os trilhos foram se estendendo a Afogados, a Fernandes Vieira, a Santo Amaro, a Torre. Os carros de Magdalena e Torre, deixando a rua da Imperatriz, tomavam a do Aragão, pateo de Santa Cruz, Barão de São Borja, Visconde de Govana e Estancia, ao envez do trajecto de hoje. Houve mesmo época em que os passageiros de Torre baldeavam no Sobrado Grande para um carro menor. Imaginem-se os empurrões, carreiras, arengas quando as lotações não coincidiam! Depois, a mudança passou a ser sómente de parelhas.

A' época da inauguração os bondes eram todos fechados. A substituição pelos de typo americano foi lenta. Ainda alcançámos dois dos primitivos a que o povo chrismava de "bahús".

Em varios pontos da cidade ou dos suburbios as linhas da Carril cruzavam com as das maxambombas. Nesses cruzamentos havia sempre um vigia armado de uma gurita, umas bandeirinhas vermelho e verde e de pharóes com as mesmas côres para de noite. Evitavam-se assim os choques entre o trem e o bonde. Mas o engraçado é que taes signaes de nada valiam, pois parando o bonde a certa distancia, lá se ia o conductor até a esquina ver si os trilhos se achavam desimpedidos, e, de lá, fazia um gesto que impunha espera ou autorisava proseguimento.

Embora os bondes possuissem uma campainha cuja corda corria pelo centro do carro, quasi ninguem se utilisava della para dar signal de parada. Era commum bater-se com a bengala ou guarda-chuva no soalho do vehiculo, ou gritar para o cocheiro:

— Pare ahi, "seu" bolieiro!

Não era nada bonito para os rapazes ou os homens ainda longe da velhice mandar que os bondes parassem para subir ou descer. O *chic* constituia fazel-o com as rodas em pleno movimento, numa exhibição garbosa e agil de pernas. Saltar de costas era pirueta apreciadissima, menos quando o saltador, defronte da casa da namorada, media o chão com o corpo...

A illuminação dos carros, a principio de lampeões a kerozene, passou a ser a gaz acetylene e por fim electrica, mercê de uns accumuladores. Por isso mesmo o povo irreverente e sarcastico appellidou os carros da Ferro Carril de "electro-burros".

Falando-se tanto nos antigos meios de transporte do Recife, vale a pena recordar quanto se pagava para viajar nelles. 100 réis da rua do Brum, onde ficavam a estação e escriptorios, até a praça Maciel Pinheiro; dahi para qualquer fim de linha mais 200 réis. Os conductores davam como recibo uns papeluchos rectangulares que tomaram os nomes de coupons.

Do começo ninguem queria acceital-os ou guardal-os. "Não sou fiscal da Companhia" — protestava-se com esse tom maravilhoso e engraçado com que o nosso povo protesta sempre contra as novidades. E os conductores, destacando-os, jogava-os á rua. Mas, a Carril embora do tempo de antanho já conhecia bem, ou adivinhava, os processos que hoje enfeitam, com que hoje se incensa a vaidade alheia aproveitando-a para fins de caridade... Não se realisavam ainda os chás-dansantes, os dias das flores, as partidas de futebol, *pró-isso ou pró-aquillo*, porém a Empresa recifense arranjou outro geito para tornar mais efficiente a fiscalisação de suas rendas.

Estava em moda, na época, a Liga Contra a Tuberculose, iniciativa nunca em excesso louvada de Octavio de Freitas. Todos contribuiam com seus donativos para a Liga. E a Carril resolveu dar uns tantos réis em proveito da associação a cada coupon enviado por particulares aos seus escriptorios. Não ha duvida que o sentimento de beneficencia influiu bastante, mas não ha negar tambem que a vaidade ainda mais preponderou na mania que dahi nasceu: — a de juntar coupons e remettel-os depois á Companhia, para resgate, mas... por intermedio dos jornaes...

Todas as folhas abriram secções para o caso: — diariamente lia-se alí:

"Em regosijo pelo seu natalicio a gentil senhorinha Quiteria Aveloz enviou-nos 3.000 coupons para a Liga Contra a Tuberculose".

ou:

"O coronel Anastacio Quintalejo mandou-nos 250 coupons commemorando o setimo dia da morte de sua esposa".

Tornou-se praxe o envio desses coupons em datas alegres ou tristes. E a cousa tomou um tal relevo que degenerou numa verdadeira "corrida de vaidades". Appareceram os que faziam questão de juntar maior numero de papeluchos. Uns mandavam 100.000, 500.000, outros 1.000.000... Havia os que juntavam pelas côres: amarellos, verdes, azues, vermelhos... Outros pelos valores... Choviam pedidos aos parentes, aos amigos, aos subordinados, aos visinhos, até aos extranhos: "Junte coupons para minha filha, ouviu?" Ou para o neto, para a esposa, para a afilhada, para a molequinha da casa... Moveram-se até pistolões: os chefes politicos enviavam cartões não pedindo empregos, mas pedindo coupons... Typos tornaram-se de tal modo conhecidos com esse vêso que a gente dobrava esquinas para evital-os. E mais se aggravou o mal quando a Carril estendeu o beneficio da percentagem a outras instituições. Uns torciam pela Liga, outros pelo hospital tal, outros ainda pela Sociedade qual.

Conta-se que um desses maniacos, conhecidissimos e temidos, fôra um dia pedir em casamento uma das filhas de um commerciante que vivia fulo de raiva com a tal mania de lhe pedirem os coupons de bonde. O candidato approximou-se do negociante e foi dizendo timidamente: — Meu caro sr., eu vim aqui pedir-lhe...

O solicitado cortou-lhe logo a palavra:

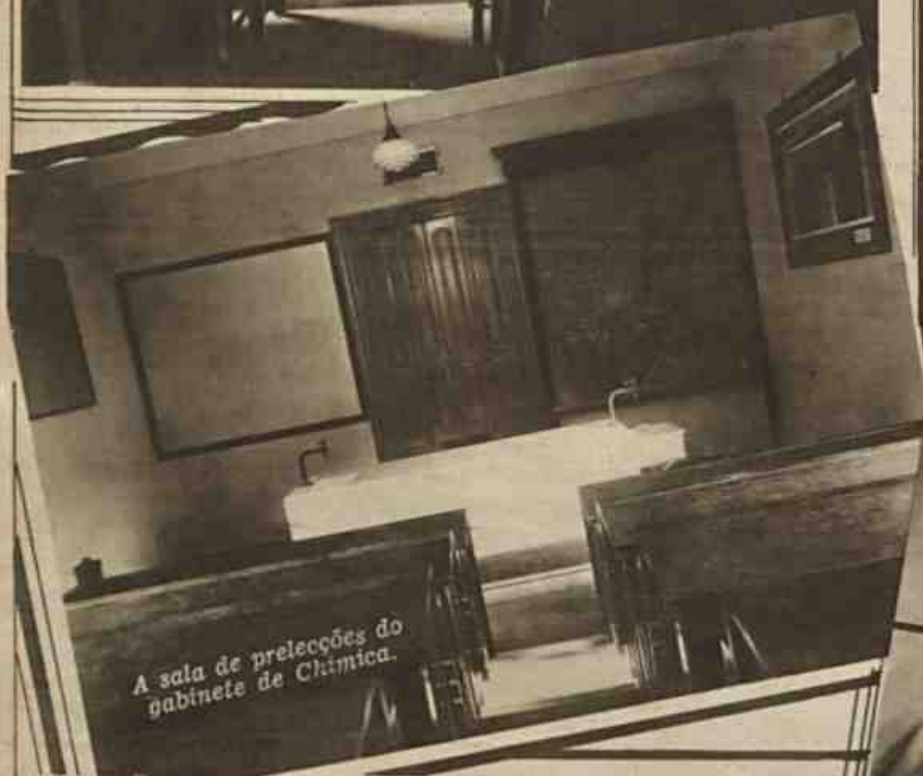
— Tenha paciencia, não posso attendel-o. Mandei tudo para a maternidade do Hospital Pedro II...

Bondezinhos de burros do Recife antigo. Ingenuos e pacientes, vagarosos e pittorescos, familiares e alegres! Passaram... Foram-se...

Desde aquelle 13 de Maio de 1914 em que a população ingrata e alvoroçada os viu correr pela derradeira vez, na cidade, horas antes do desfile inicial dos grandes e bellos electricos de agora.

(Do *"O Recife de Hontem"*

COLLEGIO PEDRO II
(EXTERNATO)

A sala de Desenho

A sala de prelecções do gabinete de Chimica.

O laboratorio de Geographia

ASPECTOS DAS INSTALLAÇÕES DE GABINETES INAUGURADOS NA ADMINISTRAÇÃO DO DR. HENRIQUE DODSWORTH (1932 - 1933)

SAMSÃO ENTRE AS COLUMNAS DE... CARNE — O campeão mundial de box Primo Carnera acha-se actualmente em Miami, onde esteve treinando para o encontro, em Fevereiro, com Loughran. O gigante italiano costuma tomar banho de mar na linda praia americana em companhia de graciosas *girls*. Estas aqui são, da esquerda para a direita: Teddy Barnard, Patricia Stevens, Da Preem, Vic Azzolin e Alma Fitala.

UM ENSAIO QUE PROMETTE — Georgie Hale e Martha Merrill num ensaio, durante a filmagem de "Scandals", uma fita que vae constituir um dos grandes acontecimentos cinematographicos do anno.

UM MARCO DE PROGRESSO

NAS FRONTEIRAS ● DO BRASIL ●

As fronteiras do Brasil ficam tão longe, que a gente nem tem idéa do que existe por lá. Mas, apesar da distancia, o progresso chegou até lá, abrindo estradas levantando predios bonitos, creando movimento, activando a producção e o commercio, emfim, construindo cidades grandes e limpas como Corumbá.

Corumbá, com as suas ruas alinhadas e limpas, com os seus jardins virentes, o seu movimentado porto fluvial, a sua extraordinaria vitalidade, é o marco mais notavel que a nossa civilização plantou nas fronteiras da nossa terra, lá nos confins de Matto Grosso, de onde o Brasil avista o Gran Chaco.

O porto de Corumbá sobre o rio Paraguay

Corumbá — Um recanto de sombra, na Praça da Republica.

Um trecho do Jardim Publico

Avenida Candido Marianno

Jardim Publico de Corumbá, vendo-se ao fundo o edificio da Intendencia Municipal.

Rua Frei Marianno, destacando-se o Collegio da Immaculada Conceição.

Ecos do Carnaval

A nossa kodack andou, nos dias do Carnaval, por diversos logares, fixando os aspectos dessa festa encantadora. Aqui estão, nesta pagina, alguns flagrantes mais pittorescos e alegres do reinado de Momo.

Ellas revelam, tambem, uma esplendida victoria de MODA E BORDADO, pois a maior parte das fantasias que ahi se vêem são figurinos da elegante revista carioca.

SENHORA

SENHORITA... já é a sua menina, uma garota de treze para quatorze anos, sadia, robusta, alimentando-se bem, fazendo ginastica, tomando banhos de sol e de mar, educando o espirito como procura, desde cêdo, aperfeiçoar a linha do corpo.

Que bonita creaturinha!

Os fartos cabêlos são cacheados nas pontas, como os trazem as moças grandes, em "permanente".

Hoje em dia é assim.

E assim é que deve ser.

Mal começam a ingressar na idade bonita de menina e moça já se querem cuidar.

A beleza do corpo carece do mesmo carinho que a formosura do espirito.

Os vestidos das meninotas de agora são como os das moças, apenas diferentes no comprimento das saias. Usam-nos élas com as mangas bem tufadas, balões franzidos ou em prégas, pálas com serviço de prégas, de córtes e recortes, botões, listras, gravatas...

As meninotas de 1934 são o que esta pagina estampa: graciosas de corpo, boniteza sadia, elegantes e bem tratadas. — *Sorcière*.

Em cima á esquerda: vestido de crêpe de seda branco listrado de vermelho. Na gola-pála o tecido é aplicado aos tácos e com as listras em horizontal; um babadinho branco á volta, outro contornando a extremidade das mangas. A' direita — crêpe de seda marinho com pastilhas brancas, gola e punhos de fustão branco.

Um vestido de "voil" amarélo com riscas "marron" escuro, saia muito franzida, duas pregas "religieuse" perto da larga bainha da beira. A "loirinha" de pé veste "faille" azul brilhante, gola branca com listra vermelha á volta.

DE TUDO UM POUCO

NOTA CINEMATICA

Jimmy Durante

Loira ou morena?
Uma e outra coisa.
Loira, ás vezes; morena de quando em quando.
Assim é **Constance Bennet**, a elegantissima artista da United Artists, em "Moulin Rouge", o "film" que veremos na "official Season" do ano que corre.
Uma cabeleira romana é que faz da galante loirinha uma trigueira esplendida. E, segundo réza o boletim de cinema, estão arranjados de tal fórma os cabêlos postiços que ninguem os diferencia de uma cabeleira natural.
Cabêlos e "maquillage" se combinam. A arte de sêr morena é a mesma de parecer loira. Transformou-se a artista para algumas cenas dramaticas da historia traduzida para a téla. Nas deslumbrantes cortinas musicaes Constance volta a ser loira — fascinante cantôra parisiense que procura conquistar as platéas de Nova York com os seus "couplets" maliciosos e seus bailados provocantes.

Jimmy Durante é dono do nariz mais "expressivo" da terra do cinema. Filmava êle, com Lupe Velez e Stuart Erwinm, "Palooka", a certa distancia de Hollywood, quando um dos bancos da cidade proxima foi assaltado. De volta o auto de Jimmy teve de parar ante a perseguição de outro carregado de policiais. Mal, porém, um dos vigilantes olhou o artista disse: Sigam; não são os senhores os bandidos que perseguimos. O nariz deste cavalheiro não poderia transpor a porta do banco...
O nariz de Jimmy Durante é o seu "amuleto", como as botas de Charles Chaplin lhe merecem fervoroso culto...

FRASES ALHEIAS

— "Consommé" de hotel é uma agua que se toma por superstição, como as beatas a agua benta... — *Gómez de La Serna.*

\+ + +

— Aparentas crêr que o universo gravita em torno do Sol, quando sabes muito bem que êle se move á tua volta. — *Miguel Zamacois.*

ELOGIO DO BEIJO

(Cleómenes Campos)

Conselhos? Quem os olvida
E' mais que sabio no mundo.
Que são conselhos, querida?
Palavras... Palavras loucas...

Nada mais belo na vida
que esse silencio profundo
que morre entre duas bocas...

DO MEU DICIONARIO DE COUSAS DA AMAZONIA"

(Raymundo Moraes)

Acanhado — Timido. Que não tem desembaraço. Sujeito que não sabe estar em sociedade. Pessoa que se mostra constrangida numa sala. Que não quer ser apresentado a ninguem. O filho do juiz é acanhado. Nunca vi um homem tão acanhado como o promotor que chegou. Tem medo até de falar.
Tenho acanhamento, mamãe.

. . . .

Banho de cheiro — Usado na noite de S. João. Depois das sortes, pulamento de fogueiras, nas quaes passam os namorados e os compadres, segue-se o banho de cheiro, feito numa bacia com agua e na qual misturam hervas aromaticas, cascas cheirosas, flôres e essencias vegetaes. Tira o caiporismo. Os "panemas" readquirem os atributos perdidos. Os desprezados por amor voltam á felicidade. Os azarentos no jogo começam a acertar. Você precisa é dum banho de cheiro, seu Maximino. Experimente e veja...

Banzeiro — Vagalhão — Agitação nas aguas. Movimento das aguas na Amazonia.

Esfrega — Surra. Trabalho pesado. Seu Anastacio deu uma esfrega no filho. Tenho levado uma esfrega na cópia das atas... E' uma esfrega, este trabalho.

UMA DEFINIÇÃO EXACTA

O diretor do "Royal Theatre", de Manchester, na ocasião em que fazia a propaganda do "film" de Norma Talmadge — "The Lady", ofereceu um premio de cinco libras e dez de meia libra, a cada uma das melhores mais breves definições sobre o — **que é uma "Dama".**
Dentre seiscentas respostas, o jury destacou a seguinte:
— "Uma dama" é a mulher que, quando fala a um homem, obriga-o a sentir-se cavalheiro".

POR UM BEIJO...

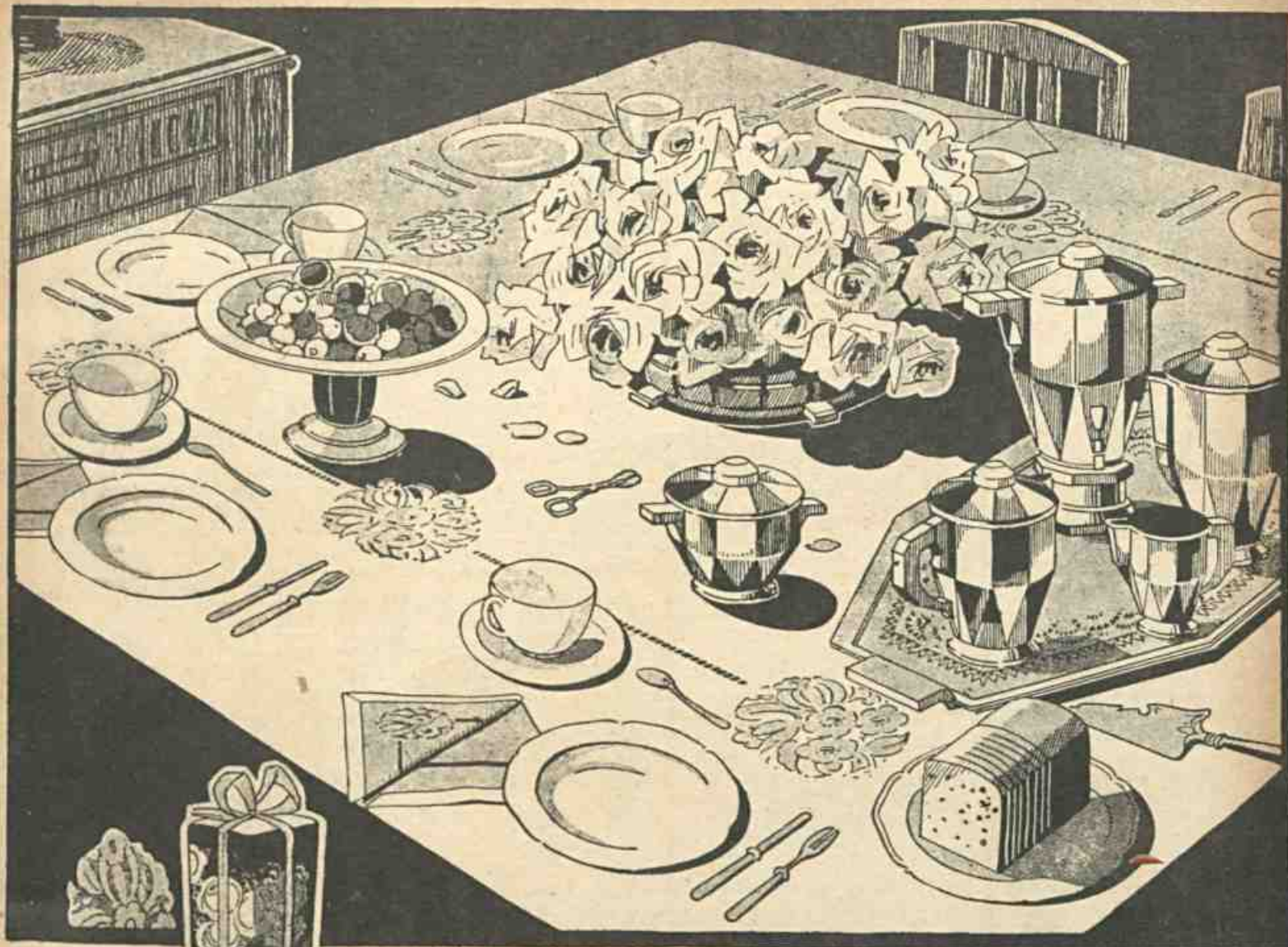
Um simples beijo num compartimento de trem — o de Defking, nas bandas da Inglaterra.
Êle, Sir Leo Chiozza Money, antigo membro da Camara dos Comuns, com sessenta e tres anos de idade. Ela, Miss Ivy Ruxton, empregada num "magasin", mocinha viva, bonita, sedutora...
O tribunal de Epson solucionou a questão, obrigando o velho nbre a pagar duas libras esterlinas pela violencia praticada, embora este protestasse alegando haver dado o mais puro e casto dos beijos. Tambem a condenação se estendeu ao pagamento de uma libra á companhia de caminhos de ferro "por ter ele perturbado o sossego de uma viajante".
Só mesmo nas plagas londrinas...

Um vestido de Adrian.

NA MODA — Os crêpes listrados e as gravatas em "plissé".

NUM ALBUM

Ia escrever um verso e (coisa singu- [lar!)
Escrevi o teu nome e fiquei a chorar...

Sapatos novos.

DECORAÇÃO DA CASA

A MESA — Madame espera visitas para o chá. Faz calor ainda. E a dona da casa, ciosa do confôrto dos convidados, prepara refrescos tambem, não se esquecendo de uma jarra com chá gelado, talvez mais saboroso que o que fuméga nas chavenas de porcelana florida. Um bule com chocolate, "sandwiches", "petits fours", doces secos, doces com creme, alguns bôlos finos, talhados em fatias, arrumados em pratos de cristal ou de vidro da tonalidade da "lingerie da mesa.

As peças de porcelana floridas exigem "lingerie" de tonalidade unida, do mesmo colorido do fundo ou do que predomina nos arabescos.

As porcelanas de colorido unico vão bem em toalha estampada, contanto que da estamparia mais conste a côr predominante na louça.

Os serviços de chá: bule, leiteira, chocolateira, assucareiro e pote de creme casam com qualquer sistema e colorido de louça desde que sejam de metal.

A mesa aqui impressa destina-se a poucos convivas. Se maior numero de visitas houver, noutras mesas á volta da aludida serão servidos. Porcelana azul brilhante numa toalha de linho amarelo com motivos estampados de azul forte é a mesa desta pagina, encantadora de singeleza, mais graciosa e mais bonita ainda com o bocado de rosas amarelas e brancas na grande floreira de metal prateado e quadrados laqueados de azul marinho com estrias de ouro. Bombons, frutas cristalizadas, um pão especial, o chá gostoso... A dona da casa distribúe sorrisos, palavras amaveis e vigia o modo por que servem os refrescos, oferece uma fatia de bôlo, e mantem o calor da conversação, procurando mesmo atiçar o assunto que possa interessar á elegante companhia...

CONSELHOS UTEIS

DESINFECTANTES — Um optimo desinfectante é a terebentina. Uma colher de terebentina diluida num balde de agua tira dos aposentos, toilettes, quartos de doentes, etc., todo e qualquer cheiro desagradavel ou nocivo, e é um remedio seguro na destruição de germens de doenças. Outros meios de desinfecção são o lysol, lysoformio e acido phenico. Calcula-se sempre uma colher para um balde de agua.

CONTRA A FERRUGEM NOS FERROS DE ENGOMMAR — Quando não se usa o ferro, depois de frio envolve-se em papel de parafina. E' optima protecção contra a ferrugem. Antes de usal-o novamente deve ser esfregado com um panno de lã.

RESTOS DE LEITE NO VERÃO — Juntem-se os restos de leite fervido ou cru numa vasilha de barro. Depois de alguns dias separa-se o sôro e a massa colloca-se dentro de um saquinho de panno limpo. A agua escorre e fica um queijo branco muito gostoso.

PARA MELHORAR MANTEIGA RANÇOSA — Cozinhando manteiga rançosa com leite fresco e um pouquinho de noz moscada ralada póde-se ainda aproveital-a para fritar ou cozinhar alimentos. A manteiga adquire novamente bom gosto quando se accrescenta uma pitada de bicarbonato de sodio com um pouco de agua, amassando bem. Tambem se póde amassar a manteiga rançosa com agua fresca, deixando repousar depois varias horas num logar fresco. Repete-se esta manipulação 2 vezes, depois amassa-se a manteiga com a nata fresca e accrescenta-se sal conforme precisar. A manteiga fica novamente com o gosto de fresca.

REFEIÇÕES PARA O DIA DE LAVAGEM DE ROUPA — O dia de lavagem de roupa é sempre de muita importancia para a dona de casa e reclama toda a sua attenção. Por isso ella póde economisar muito tempo adiantando na noite anterior o preparo dos alimentos.

Por exemplo, as batatas podem ser lavadas ou descascadas na vespera; os legumes tambem podem ser limpos no dia anterior e guardados em logar abrigado. A não ser nos mezes de verão muito quente, quando a comida não se conserva por muito tempo, as refeições podem ser completamente preparadas na vespera e sómente aquecidas no dia da lavagem da roupa.

Ha muitos pratos de carne e legumes que conservam o mesmo gosto quando aquecidos como se houvessem sido preparados naquelle momento. Isto representa muita economia de tempo para a dona de casa e evita o que acontece, infelizmente, em muitas casas: que as refeições do dia da lavagem sejam menos cuidadas.

ENGOMMAR ROUPA DE COR — As roupas de cor não devem ser engommadas com amido quente, pois isso as descoraria.

QUANDO O FERRO DE ENGOMMAR PEGA NA FAZENDA — Afasta-se o amido que fica no ferro, esfregando-o com papel de lixa muito fino ou com stearina, podendo-se usar para isso todos os restos de velas.

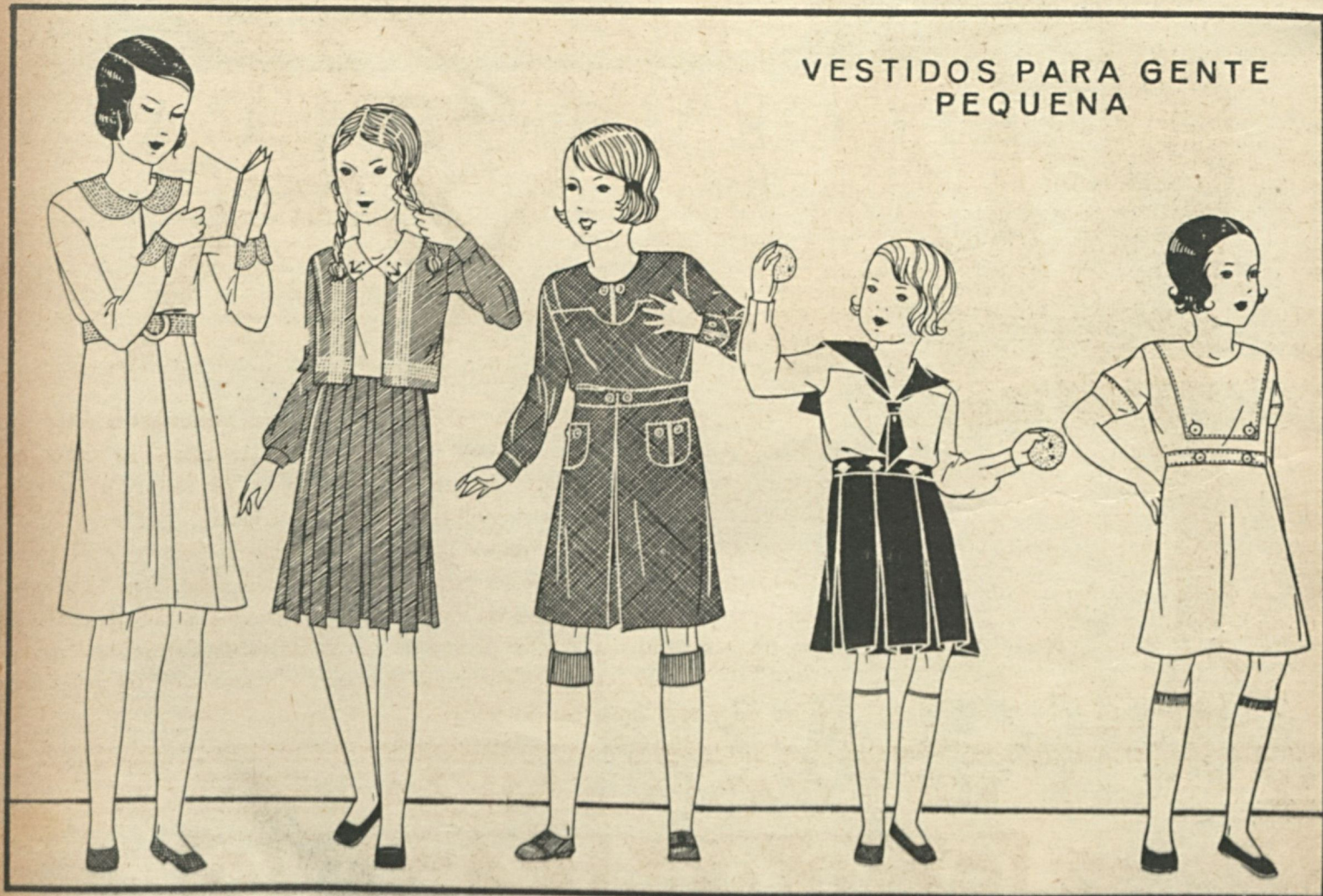
ROUPAS DE PESSOA DOENTES — A roupa de doentes de molestia contagiosa deve ser desinfectada antes da lavagem e para isto é bastante mergulhal-a numa solução de 3 a 4 partes de agua oxygenada e agua.

RETIRAR MANCHAS DE FRUTOS DE TECIDOS DE SEDA — Retiram-se as manchas de tecidos de seda com agua tepida na qual se dilue borax. Enxagúa-se depois com agua limpa.

PARA ESTICAR TECIDOS DE PALHA — Lava-se o dorso dos tecidos de palha com agua quente, collocando-os depois na frente de uma estufa bem quente. Pelo effeito do calor a palha ao seccar contrae-se novamente.

GAVETAS QUE CORREM DIFFICILMENTE — Untando estas gavetas nos lados com pedra de sabão talco ou sabão, isto diminue o attrito e ellas deslizam depois com facilidade.

MANCHAS DE CAFE' EM VELLUDO — Tiram-se as manchas de café de fazendas de velludo escuro ou claro, esfregando-as com um panninho branco de linho embebido em linimento saponaceo alcoolico. Tocam-se logo depois as manchas com algodão ou uma esponja embebida.

VESTIDOS PARA GENTE PEQUENA

TRAJES DE PRAIA

Depois dos "pierrots" e das colombinas da cantiga carnavalesca mais em circulação; depois dos "marinheiros" futuristas e das havaianas de palha de coqueiro; depois das fantasias de setim e das ciganas de chitão, a fantasia das roupas de praia é o que preocupa as elegantes cariocas.'

O grupo de moças aqui em exhibição é constituido por um traje de linho — saia branca e casaco vermelho com botões brancos em duas filas, na frente, e em cada manga; um pijama de calças curtas talhadas em flanela créme e blusa de crêpe "marron"; outro pijama de calças curtas de flanela azul medio e casaco de flanela branca debruada de marinho; e casaco azul *rei* sobre um vestido de grosso linho côr de poeira.

ALMOFADAS

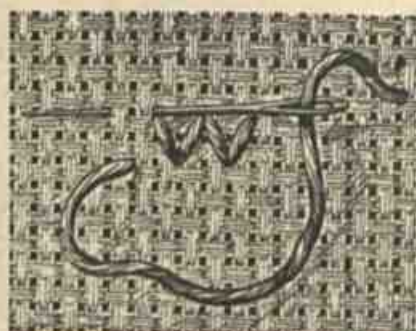



Abb. 1

Bordadas em talagarça ou em linho grosso com fios bem abertos, colorido natural. As meadas de lã, de grossura comum, devem ser escolhidas com cuidado para que tornem os desenhos o mais harmoniosos possivel. Na da esquerda a parte branca é de lã amarélo fraco ou branco mesmo, os motivos escuros em vermelho têlha e azul pastel. Na da direita lã preta, amarélo pinto novo, havana forte e cinza prata.

O quadrado Abb. 1 é trabalhado com lã branca ou créme ao centro, lã preta á volta; a arvore em verde claro e verde escuro no contorno. Abb. 1 está melhor explicado em outro quadro. Abb. 2 — é a maneira pela qual se fazem os pontos do fundo das almofadas, todo êle vermelho têlha numa, havana forte na outra, a de passaro amarélo e cinza prata ao centro, tons que se reproduzem nas sancas das extremidades e nalguns dos desenhos que ainda a adornam. Abb. 3 é o ponto em angulo das arvores da primeira almofada e das folhas da segunda. As tonalidades aludidas podem ser trocadas desde que tornem a almofada o que ela deve ser: um trabalho artistico, embora de facilima execução.

Abb. 2

Abb. 3

Abb. 1 Abb. 2

COMO VESTEM AS "ESTRELAS" DE HOLLYWOOD

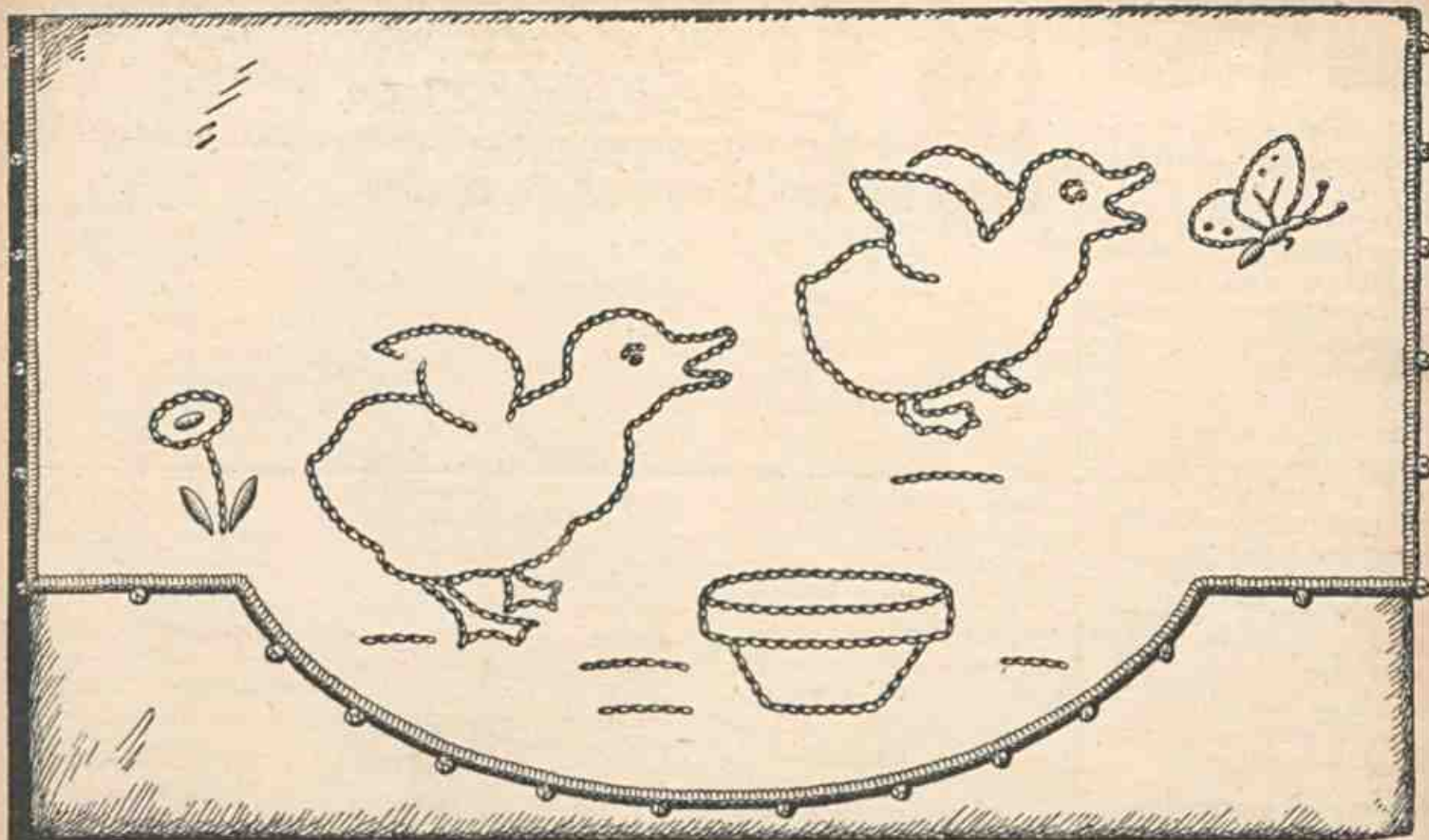
PIJAMAS:

Seda grossa — calças pretas, casaco rosa palido — um pijama elegante.

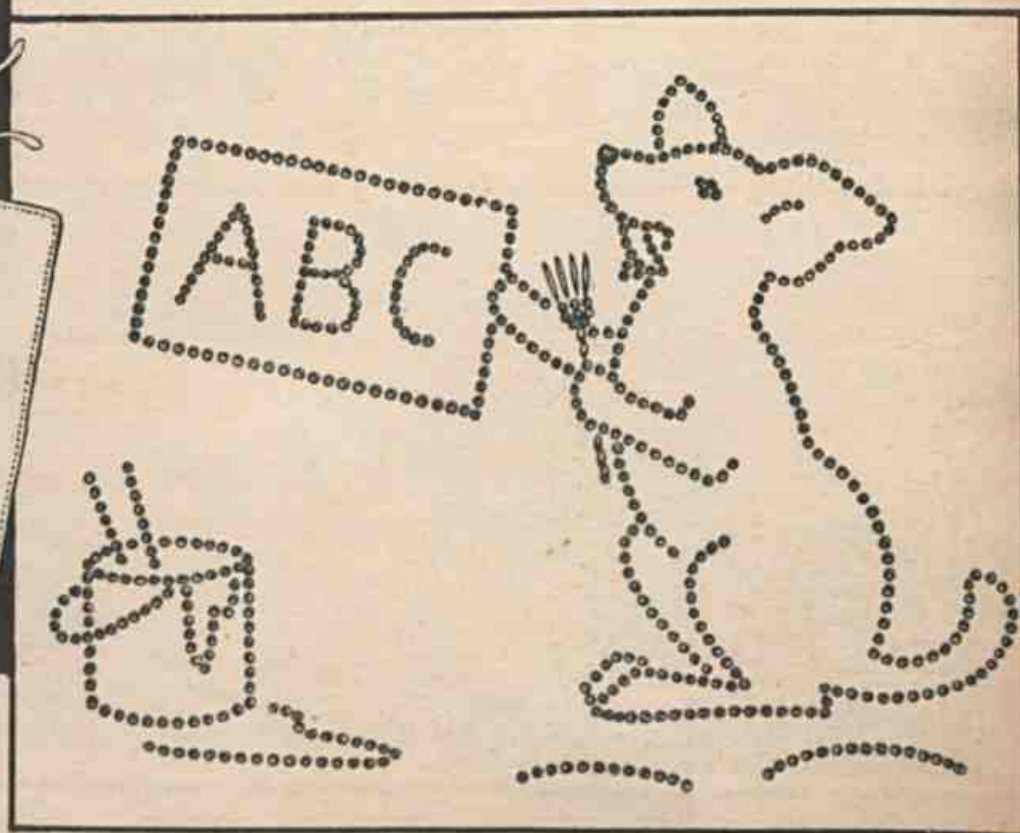
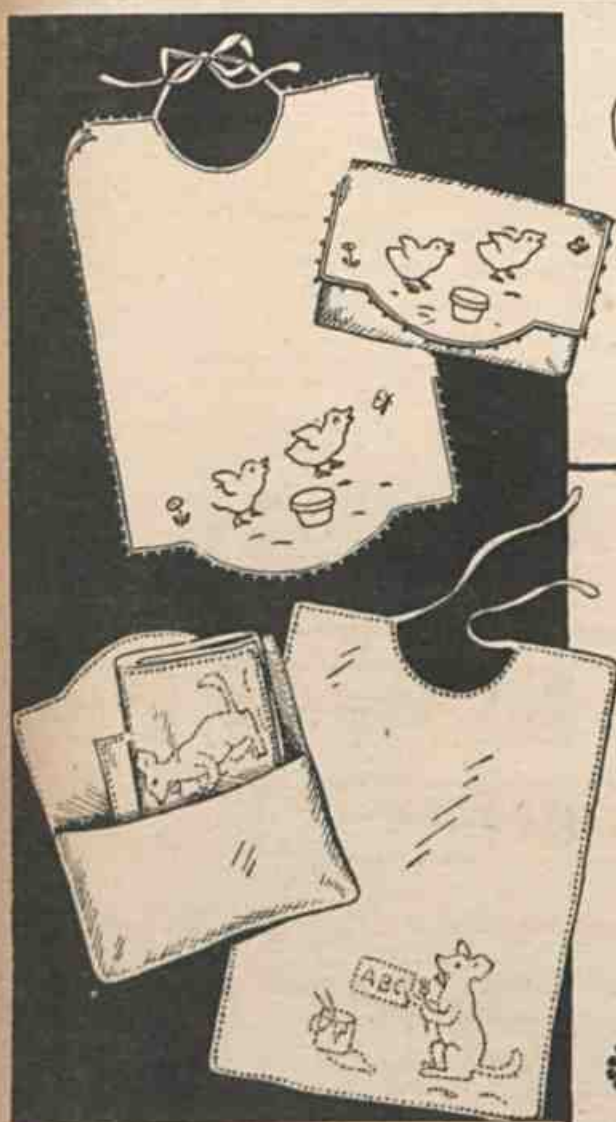
Loretta Young, da Warner First, é bem feminina num pijama de corte masculino.

As sedas listradas prestam-se a pijamas de estio como o que Helen Twelvetrees, da Paramount, apresenta aqui.

Todo negro, de setim, o de miss Davis, da First.

Setim preto e setim branco, franjas nas mangas — o pijama da graciosa Claudette Colbert, da Paramount.

BORDADO

Riscos que se destinam a diferentes peças da "lingerie" dos pequenitos.

Pontos de haste e pontos de nó. Este borda o babador, representado em separado e em tamanho natural. Aquêle silhuéta os pontinhos, a borboleta e a tijéla do envelope para o guardanapo. A linha empregada pode ser amarélo quente, azul vivo, preta, vermelha em cambraia de linho branco ou de colorido suave.

ABC

PARASOL

Recebemos e agradecemos algumas amostras do producto Parasol, de grande utilidade nos paizes tropicaes, dadas as suas extraordinarias qualidades therapeuticas, nas queimaduras e molestias da pelle, produzidas pelo caustico da luz solar. Parasol tem grande applicação entre os frequentadores de praias, remadores, footballers, desportistas em geral, e pessôas que trabalham sob altas temperaturas.

Belleza e Medicina

Algumas indicações therapeuticas da massagem

DR. PIRES

(Com pratica dos hospitaes de Berlim, Paris e Vienna)

A massotherapia é muito indicada no combate a diversas affecções cutaneas e, quando indicada por um medico especialista, produz resultados surprehendentes. Na acné, é justo salientar os beneficos effeitos da massagem, sobretudo em alguns casos rebeldes.

A massagem facial para o tratamento da acné não deve ser feita com os cremes communs, usados no preparo do rosto, pois isso resultaria na disseminação das bacterias por toda a pelle. Eis a razão pela qual muitas senhoras que têm apenas uma ou duas espinhas, após entregarem o rosto a pessôas sem conhecimentos medicos, vêem rapidamente a cutis invadida por uma maior quantidade de espinhas.

Ha pomadas especiaes, rigorosamente antisepticas, indicadas na massagem facial, contra as espinhas.

Está claro, naturalmente, que ao lado dessa indicação, terá logar a therapeutica propria da acné a qual varia de accôrdo com o caso em questão.

A seborrhéa, como ninguem ignora, é responsavel por quasi todos os casos de calvicie. Entre os melhores meios usados para combatel-a, é justo salientar o emprego das massagens.

Após a massotherapia, a quéda dos cabellos diminue de um modo sensivel e, de 100 fios que cahem diariamente, obtem-se uma diminuição para 20, após um a dois mezes de tratamento. No inicio da massagem, durante a primeira cu segunda semana, a quéda dos cabellos augmenta, sendo esse facto facilmente explicavel pela extracção traumatica dos cabellos mortos que a massagem realiza.

Logo após esse periodo, vem, então, uma melhora accentuada que se traduz na paralização da calvicie.

A massagem deve ser realizada desde as primeiras manifestações seborrheicas e tambem como preventivo.

No caso da seborrhéa, a massagem age sobre as terminações nervosas e póde ser effectuada duas vezes ao dia, pela manhã e ao deitar.

A massagem associada aos raios ultra-violetas e aos outros meios de therapeutica da seborrhéa do couro cabelludo, paralysam, sem a menor duvida, depois de algumas semanas de tratamento, a marcha da calvicie.

UMA INFORMAÇÃO GRATIS

As nossas gentis leitoras podem solicitar qualquer informação sobre hygiene, cabellos e demais questões de embellezamento, ao medico especialista e redactor desta secção, Dr. Pires.

As perguntas devem ser feitas por escripto, acompanhadas do "coupon" abaixo e dirigidas ao Dr. Pires — Redacção d'O MALHO — Trav. do Ouvidor, 34 — Rio.

BELLEZA E MEDICINA

Nome ....

Rua ....

Cidade ....

Estado ....

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934 — JANEIRO, FEVEREIRO E MARÇO

N.º 39
1
MARÇO

ALBUM DE OEDIPO

QUADRO DE HONRA

Campeão Brasileiro de 1933 — MR. TRINQUESSE

PREMIOS: — 1 para cada um dos vencedores de 1.º, 2.º, 2/3 e 1/2 dos pontos, e para o autor do melhor trabalho escolhido por votação entre os concurrentes classificados segundo o criterio regional; esse premio será o retrato do mais votado publicado dentro do nosso Quadro de Merito. Serão feitos os desempates quando precisos. O premio de 1.º logar é um Diccionario do Charadista, de A. M. de Souza.

Livros adoptados nos torneios communs: Cand. Fig. (edição pequena), Simões da Fonseca (idem); Fonseca & Roquette (os dois volumes); Chompré (Fabula); Bandeira (Synonymos), A. M. Souza (Manual do Charadista, em 2 volumes); Jayme de Seguier; Vocabulario Monosyllabico, de Caminha. Para os desenhados: Rifoneiro Portuguez (de Pedro Chaves), Adagios Portuguezes (de Antonio Delicado) e o Diccionario de Moraes até a 7.ª edição.

NOVISSIMAS 161 a 166

2—2—*Cuidado*, que a "*corrente*" póde arrastar a "*barraca*".

Athenas (Belém, Pará)

1—2—A "*nota*" está mediocre na opinião deste "*homem*".

Americo (Gente Nova, de Corumbá)

2—2—Uma *replica* feita com *ponderação* já é um bom *desconto*.

Castrinho (Gente Nova de Corumbá)

2—2—Na *sahida* tinia com um *rebate falso*.

Clirio (São Salvador, Bahia)

3—2—E' *caprichoso* e foi *para* aquelle *logar* por causa da "*doença*".

Antomarepe (Recife)

1—1—1—Com 200$000 póde comprar-se grande numero de *livros* com *tino* e com *alitoz*.

Bibliophilo (Santa Barbara, Minas)

CASAES 167 a 170

5—E' *perigoso* o estado do doente que tem "*febre*" alta.

Dr. Keta (São Paulo)

6—*Embaraço* que *prohibe*.

Edipo (Curityba, Paraná)

2—A *facção* toda era formada por uma *companhia* de *malfeitores*.

Gandhi (Campos, E. do Rio)

2—Embora estivesse com o *tempo* marcado, fui obrigado a esperar um *pouco*.

De Souza (Capital)

SYNCOPADAS 171 A 174

3—2—A *sinceridade* não é só para quem tem "*dinheiro*".

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba)

3—2—E' *cabigoso* e tem ainda *trastes*.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

3—2—Esta "*peça musical*", nem toda "*dama*" executa.

Sinfulpho Camara (Fortaleza, Ceará)

3—2—Houve um *trabalho* damnado para dominar a *balburdia*.

Tercio-Filho (Recife)

ENIGMA 175

Linda filha de um chinez,
De olhar de amendoas rasgado,
Captivou um portuguez
Rico, *imbecil* e... casado.

Entrou-lhe no coração,
Como um bichinho damnoso;
Fez ali a habitação,
Cheia de risos, de gozo.

Tambem do luso a mulher
Sentiu a china no peito,
Como um bichinho a verter
Um fel amargo, perfeito.

E disse, pois, ao marido:
— Ou salsia, ou a amarella!

A que responde o "querido":
— Ora, ora. Vou "amar ella"!

V. Neno (Grupo dos XX, Piracicaba)

CHARADAS 176 a 178

Se um burro só conseguisse
Falar, como nós falamos,
Haveria em terra delle — 2 —
Oradores, gaturamos.

Nem é bom nisso falar... — 1 —
Meu Deus! é quanta burrinha,
Um "*zero*" entre a gente della,
De luvas e de sombrinha,
A passear importancia,
A pensar que tem valor!...
Ella que é burra sempre
Na casa do *ferrador*.

Marechal (Rio)

Em fragil galho "*balança*" —2—
Em "*logar*" de brisa mansa,—3—
Uma rosa linda em botão,
Mas, fina mão, feiticeira,
Furta rosa da roseira,
E "*planta*" no coração.

Clirio (São Salvador, Bahia)

Chegue aqui, senhor Vavá,
Lave depressa o seu *queixo*,—2
Seja bem limpo e asseiado
P'ra ser forte, sem desleixo!...
Menino que não estuda
Antes do "*sol*" apar'cer,
Só tem estado bombastico
Rude, como escholastico
Nas regras do bom viver.

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia)

LOGOGRYPHO 179

O amor é cousa damnada,
De maldosa logração;
Sendo *tudo* é bem um nada,—5,8,10,2,1
Que magôa o coração.

E feito de *triste* alçada,—8,12,6,11,1
Que prende nossa tenção;
E até leva de rajada
O *valor* de toda a acção.—4,5,2,11,7

Com Cupido, deus pequeno,
Um "*contracto*" bem ameno—4,9,3,7,6
Eu quero mesmo fazer.

P'ra que eu possa socegada,
Longe de toda a maçada,
Sem medo do amor viver...

Vivi (G. dos XX, Piracicaba)

4.º TORNEIO COMMUM DE 1933 — N.º 22

DECIFRADORES

TOTALISTAS

Etiel e Euristo (T. E.), e Vasco Dias (todos 3 de Lisboa, Portugal), Lidaci e Mawercas (ambos desta Capital), Helio Florival, V. Neno, Belkiss, Noiva da Collina e Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba, todos), Alcasco e K. Nivete (ambos de Recife), Velhusco, Lolina, R. Said (todos 3 de São Salvador, Bahia), 23 pontos cada.

OUTROS DECIFRADORES

Tiburcio Pina (São Salvador, Bahia), Americo, Ananias, Castrinho, Scylla e Canhoto (todos da Gente Nova, de Corumbá), Thalia (Rio Grande), Candinho (Bananal, São Paulo), 22 cada; Dama Verde (São Salvador, Bahia), Passaro Negro (Barbacena, Minas), Gandhi (Campos, E. do Rio), 20 cada; Joliver (Natal, Rio Grande do Norte), Capichola, Capuchinho e Capichoto (do Gremio Capichaba, E. Santo), Gontran d'Abrunhosa, Luar, Iris, Sertanejo e Philo (todos 5 do Grupo Theophilottonense de Amadores, Theophilo Ottoni, Minas), 19 cada; Pardaillan (A. C. L. B.), e De Souza (ambos desta Capital), 18 cada; Bibliophilo (Santa Barbara, Minas), Antomarepe (Recife), Edipo (Curityba, Paraná), 17 cada; Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba do Norte), 3.

DECIFRAÇÕES

1 — Cremação; 2 — Odessa; 3 — Condecoração; 4 — Hucharia; 5 — Largado; 6 — Maçagutos; 7 — Escaleira; 8 — Não sahiu; 9 — Esmoleiro, esmoleira; 10 — Novo, nova; 11 — Justo, justa; 12 — Terneira, terneiro; 13 — Caroço, caço; 14 — Julia, juá; 15 — *Nelle*; 16 — Sapeira, Sara; 17 — Europa (Euro, pa); 18 — Domina (Dona, mi); 19 — Calepino; 20 — Agno — casto; 21 — De — sorte; 22 — Fallador; 23 — Perissologia; 24 — Castanho; 25 — Dois socios não cabem num mundo.

NOTA — A novissima 15 (Gaivota, gaita) foi annullada porque, em vez do conceito total sahiu a sua decifração.

PRAZOS

Terminarão: a 21 e 26 do mez corrente, e a 1, 3, 5 e 10 de Abril proximo, respectivamente para cada um dos grupos regionaes já estabelecidos no regulamento, valendo para todos o carimbo postal do ultimo dia do prazo.

CORRESPONDENCIA

Zequinha (Eterno Triangulo, São Paulo) — Inscripto sob n. 293.

Meparro (Cidade do Salvador, Bahia) — Igualmente inscripto, tomando sua ficha o numero 294.

Ignotus (Capital) — Annotada a nova residencia.

Thalia (Cidade do Rio Grande, R. G. do Sul) — Agradecidos.

Cid Marlowe (São Paulo) — Ainda não pudemos examinar o logogrypho a que se refere; mas se elle estiver dentro do limite da facilidade, adoptado para os torneios communs, será publicado.

Pizarro (Lorena, São Paulo) e *Lidaci* (Capital) — Registrada a nova residencia.

Anelice (São Paulo) — Ainda não está completa a inscripção: falta o retrato e elle é preciso. Remetta-o quanto antes. Inscripta sob n. 295, mas condicionalmente.

De Souza (Capital) — Revendo, novamente, as listas do n. 16, lá não encontrámos o que reclama. Não houve engano no computo das listas, como suppõe.

Garota — Para ser inscripta precisa ficha e retrato; sem o que, não.

Otto von Mach (Nictheroy) — Inscripto sob n. 296.

C. Maia (Passos, Minas) — Só agora é que podemos responder a sua carta de 31 de Janeiro ultimo. Está inscripto no torneio que pede.

Eterno Triangulo (São Paulo) — Scientes de que esta associação compõe-se actualmente do Dr. Promessa (*Presidente*), Jivo (Vice-dito), Miss Iva (Thesoureiro), Peter Pan (Secretario), e Zequinha (Bibliothecario).

Principe Aymone (João Pessoa, Parahyba) — As palavras cruzadas n. 4, e a carta enigmatica n. 28, foram entregues aos encarregados dos respectivos serviços.

1.º TORNEIO COMMUM DE 1934

TRABALHOS RECEBIDOS PARA OS TORNEIOS COMMUNS

Remetteram durante a nossa ausencia: Tercio-Filho, 23; Ricardo Mirtes, 3; Tiburcio Pina, 218; Violeta, 12; Antomarepe, 4; Ignotus, 16; Lily Quaglieta, 6; Pizarro, 5; Principe Aymone, 18; Cid Marlowe, 15; Cyro, 4; Arthane, 6; C. Maia, 2.

MARCAÇÃO DE PONTOS

Lidaci e Pizarro — Marcado o ponto 403, do n. 18, passando assim para a categoria dos totalistas no respectivo numero.

Flôr de Liz — Marcados 10 pontos no n. 8, omittidos, quando da publicação das soluções relativas a esse numero.

RECTIFICAÇÃO

Ha na novissima de De Souza, 163, do n. 34 uma "garrafa", que deve ser lida "garapa".

A V I S O

Estamos de regresso da viagem que emprehendemos á Bahia, e de novo na estacada e á disposição dos collaboradores, que nos honram com as suas preferencias. Muito correspondencia á nossa espera! Muito trabalho nos tem dado ella que fazer para pormol-a em dia!

No numero de hoje começamos a apurar alguma, e nos subsequentes sel-o-á o resto, á proporção que o espaço, concedido a esta secção, nos permittir.

Qualquer cousa incompleta, qualquer falha apparecida, relevem-nos os bravos companheiros de jornada, operarios que são, como nós, deste grande edificio, que se chama o "Templo de Edipo".

E' preciso, para nossa defesa, que todos se lembrem de que os 50 dias de ausencia accumularam sobre a nossa mesa de trabalho para mais de 300 cartas, quasi todas de assumpto, que demandam muito tempo para a respectiva solução.

M A R E C H A L

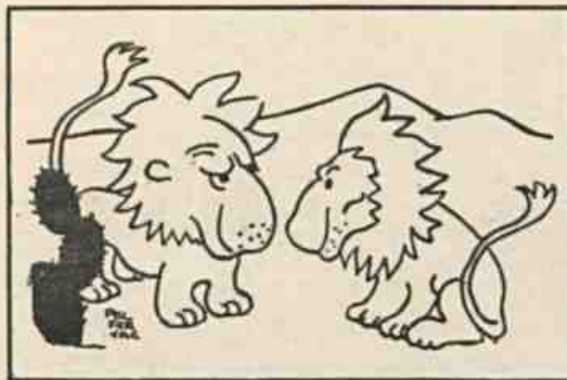
FIGURADO 180

Vivi (Grupo dos XX, Piracicaba)

Os dois leões de Paris

O velho leão cego, *Sultão*, que fazia as delicias dos visitantes do Jardim da Acclimação, de Paris, acabava de ser fusilado por um belluario. Seus despojos, reconhecidos proprios para o consumo, foram levados por seu adquirente, dono de um restaurante. Depois, a carne do rei das selvas ficou exposta, por momentos, na vitrine do estabelecimento. Mais tarde, collocaram-na em quatro mesas de café, cobertas com toalhas brancas. Em volta, dispuzeram galhos de hera, tulipas, iris e margaridas côr de ouro. Um laço de fita, de setim roseo, ornamentava a cauda da féra. Aqui e ali, sobre a pelle fulva de *Sultão*, algumas mãos delicadas semearam girofles. Finalmente, no outro dia, no decorrer de um succulento almoço, presidido por Garchery e Emile Faure, serviu-se ao preço de cem francos um "filet de lion grand veneur", estando presente ao agape a Josephine Baker.

Teriam gostado do estranho acepipe? Por emquanto, nada disseram...

Os jornaes verberaram acremente o procedimento dos comedores de leão, e um delles, reportando-se á estrella negra, lamentou:

— *Então, você não lamenta a triste sorte que teve "Sultão"?*

— *Eu, não. Quem o mandou ir viver entre os homens?*

(Desenho de Pol Fervac)

"Josephine!... Até ha pouco, podia-se crer que ella se esforçava de veras por se adaptar á nossa maneira de ser. Mas, qual! ella está em seu elemento, e nesse naco de *filet de lion grand veneur* a *star* voltou a encontrar um pedaço da *jungle*. Fragrancias evocadoras subiram-lhe ás mucosas nasaes; inebriada, sonhou com grandes caçadas nas selvas africanas e com grandes festins; por fim, cedeu a uma especie de atavismo, e degustou uma fatia da regia presa"...

Em compensação, na mesma cidade em que *Sultão* fluiu dias inesqueciveis, um de seus semelhantes sentou-se á mesa de banquetes da "Foire du Trône", occupando nella a posição mais invejada.

E que commensaes o ladeavam! Principes, magnatas, millionarios, sabios, literatos, artistas francezes e estrangeiros...

"Que jantar! Intimo e adoravel e deleitavel! Nosso leão não provou, é certo, do "plaw de homard á l'américaine" e, si foi tentado pelo "poulet sauté á la crême et á l'armagnac", nada deixou transparecer. Elle se mostrou digno e correcto, como convinha, dada a sua alta categoria." (Jean Barois).

O feliz leão, que pertence a uma senhorita, Martha la Corse, athleta circense, quiz falar, mas não poude, para agradecer a homenagem do rei da Creação. A lembrança do *Sultão*, quem sabe? vinha-lhe frequentemente á idéa, e elle, commovido, se sentiu desencorajado para fazer ouvir sua voz retumbante.

SETABRIL

Ha um refrigerador electrico — CROSLEY — que, pela regularidade de seu funccionamento, pela engenhosidade de sua concepção, pela sua resistencia e pelo preço modico por que pode ser adquirido bem merece chamemo-lo maravilhoso.

Nenhuma inovação, nenhum acrescimo será capaz de tornar o refrigerador CROSLEY mais perfeito. Ele o é de todo. De facil funccionamento, perfeito, completo, silencioso, trabalha sem a assistencia do seu proprietario, porque controla-se a si mesmo por meio de um thermometro.

Tão perfeito é o conjuncto do refrigerador CROSLEY que seus fabricantes convencidos da resistencia do apparelho, o garantem por 4 annos — causa ainda não feita por qualquer outra casa.

O refrigerador electrico CROSLEY possue porta-armario-Shelvador — dispositivo que augmenta de 50% a capacidade utilisavel do apparelho, a agudeza electrica interior, o conjuncto motor fluctuante e sem vibração e outros dispositivos que o tornam muito precioso entre os refrigeradores. Todas as pessoas desejam ter em casa um refrigerador. As que ainda não o fizeram é porque hesitam ante a circunstancia de ter de pagar, pela acquisição, uma importancia que varia de quatro a dez contos de réis.

O refrigerador electrico CROSLEY, que possue modelos para quatro a doze pessoas, é vendido a partir de 2:400$000.

Ante a modicidade de preço por que é vendido o maravilhoso CROSLEY ninguem tem mais o direito de hesitar.

Adquirir um refrigerador electrico CROSLEY é comprar a proprio commodidade para o lar, pois os liquidos e alimentos estarão sempre gelados, conservados graças á fidelidade sem par de tão precioso utensilio.

Modelo D35 — 128 ctm por 60 x 60
42 cubos de gelo
Rs. 2:400$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 6 x 400$000
ou 12 x 200$000 ou 30 x 100$000

Modelo D45 — 142 ctm x 60 x 60
63 cubos de gelo
Rs. 2:800$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 7 x 400$000
ou 15 x 200$000 ou 35 x 100$000

Modelo D60 — 144 ctm x 74 x 63 ctm
63 cubos de gelo e travessa-sorvete
Rs. 3:600$000 a dinheiro ou a prestações
entrada 200$000 mais 9 x 400$000
ou 20 x 200$000

CROSLEY

O refrigerador ULTRA MODERNO
(com pratileiras na porta)

Peçam prospectos aos distribuidores
Galeria Cruzeiro, Rio de Janeiro — **Casa Stephen**

CONCEDE-SE AGENCIAS EXCLUSIVAS NOS ESTADOS POR «CONTA PROPRIA»